

Liahona



Um legado de fidelidade para as gerações futuras, p. 44

Nossa meta: Compartilhar o evangelho com cem pessoas, p. 18

Mais poderoso do que terremotos, fogos ou ventos, p. 20

Pioneiros: O que os fazia seguir em frente?, p. 24

“EXPRESSAMOS
GRATIDÃO PELOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS
PIONEIROS EM TODO O
MUNDO QUE ABRIRAM – E
AINDA ESTÃO ABRINDO – O
CAMINHO DO EVANGELHO
PARA OUTROS SEGUIREM.”

ÉLDER RONALD A. RASBAND

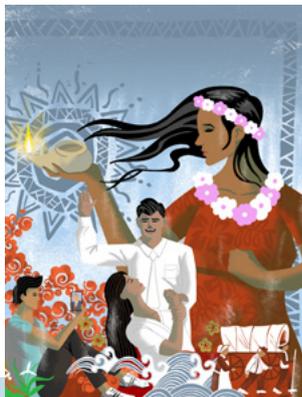


Extraído de “Fé para seguir em frente”, página 24.



ARTIGOS

- 12 Santos: A História da Igreja — Capítulo 5: Tudo está perdido**
Após dar início à tradução das placas com a ajuda de Martin Harris, Joseph se viu diante das consequências de permitir que os manuscritos saíssem de suas mãos.



NA CAPA
Ilustração: David Green.

- 18 Como tivemos sucesso em compartilhar o evangelho**
Never Chikunguwo
Quando estabelecemos fielmente metas de levar o evangelho a outras pessoas, somos abençoados com milagres.
- 20 Não deixemos de reconhecer**
Élder Jorge F. Zeballos
Em um mundo que está em constante barulho, precisamos escutar a voz mansa e delicada para podermos conhecer a vontade do Pai.
- 24 Fé para seguir em frente**
Élder Ronald A. Rasband
Nossos antepassados pioneiros testemunharam grandes dificuldades enquanto procuravam se coligar em Sião.
- 30 Manter a fé em meio ao isolamento**
Ryan W. Saltzjiver
Apesar da ausência de capelas da Igreja ou mesmo unidades, esses santos trabalharam arduamente para estabelecer a Igreja em seu respectivo país.
- 36 O Livro de Mórmon muda vidas**
Conversos contam como o Livro de Mórmon os ajudou a aceitar o evangelho.

SEÇÕES

- 4 Retratos de fé: Victor Barbinyagra**
- 6 Princípios para ministrar como o Salvador: Ajudar com compaixão**
- 10 Ao púlpito: Saber quem são — E o que sempre foram**
Sheri L. Dew
- 40 Vozes da Igreja**
- 80 Até voltarmos a nos encontrar: O Livro de Mórmon proporciona abundância**
Presidente Ezra Taft Benson



44 Três jornadas pioneiras modernas

Sarah Keenan

Assim como ocorreu com os primeiros pioneiros, filiar-se à Igreja hoje envolve coragem e sacrifício.

48 Sentindo-se desconectado? Tente diminuir o ritmo

Charlotte Larcabal

Percebi que minha vida agitada e dispersa estava afastando-me de Deus.



Veja se consegue encontrar a Liahona oculta nesta edição. Dica: Qual é o trabalho do seu avô?



50 Como lidar com perguntas difíceis: Três princípios que podem ajudar

Fazer perguntas é uma ótima forma de fortalecer seu testemunho, e procurar respostas junto ao Senhor permite que o Espírito possa ajudá-lo.

54 Quando foi difícil servir

Lyka T. Valdez

Ajudar meu avô não era uma tarefa agradável — até mudar minha atitude.

56 Sete dicas para fazer um discurso

Sarah Hanson

Falar na Igreja pode ser amedrontador! Mas você pode usar essas dicas para preparar e apresentar uma mensagem envolvente.

58 Preparação para a vida: O que fazemos no templo?

60 Um caso de depressão dominical

Alyssa Nielsen

Aprendi a começar a ansiar pelo Dia do Senhor em vez de temê-lo.

62 Pôster: Tabelas

63 A última palavra: Você pode ser digno de entrar no templo

Élder Quentin L. Cook



64 A jornada de Isabelle

Jessica Larsen

A jornada seria longa, mas a família de Isabelle sabia que ir ao templo valeria a pena.

66 Bons avós

Jenna Koford

André estava nervoso com o dia de levar seus pais na escola.

68 Finalmente uma família eterna

Jane McBride

Maria adorava o cálido sentimento que sentia na casa de sua amiga Zélia.

70 Fazer brilhar sua luz: Um amigo e missionário

72 Os apóstolos prestam testemunho de Cristo

Élder Gary E. Stevenson

73 Clube de leitura do Livro de Mórmon: Helamã 5:12

74 Nossa página

75 Cartão dos heróis do Velho Testamento

76 Histórias das escrituras: Ana e Samuel

Kim Webb Reid

79 Página para colorir: Posso compartilhar com os outros

Revista internacional em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência: Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, Henry B. Eyring

Quórum dos Doze Apóstolos: M. Russell Ballard, Jeffrey R. Holland, Dieter F. Uchtdorf, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson, Neil L. Andersen, Ronald A. Rasband, Gary E. Stevenson, Dale G. Renlund, Gerrit W. Gong, Ulisses Soares

Editor: Hugo E. Martinez

Editores assistentes: Randall K. Bennett, Carol F. McConkie
Consultores: Brian K. Ashton, Bonnie H. Cordon, LeGrand R. Curtis, Jr., Edward Dube, Sharon Eubank, Donald L. Hallstrom, Douglas D. Holmes, Erich W. Kopischke

Diretor administrativo: Richard I. Heaton

Diretor das revistas da Igreja: Allan R. Loyborg

Gerente de relações comerciais: Garff Cannon

Gerente editorial: Adam C. Olson

Gerente editorial assistente: Ryan Carr

Assistente de publicações: Francisca Olson

Equipe de composição e edição de textos: Maryssa Dennis, David Dickson, David A. Edwards, Matthew D. Flitton, Lori Fuller, Garrett H. Garff, LaRene Porter Gaunt, Jon Ryan Jensen, Charlotte Larcabal, Michael R. Morris, Eric B. Murdock, Sally Johnson Odekirk, Joshua J. Perkey, Jan Pinborough, Richard M. Romney, Mindy Selu, Chakell Wardleigh, Marissa Widdison

Diretor administrativo de arte: J. Scott Knudsen

Diretor de arte: Tadd R. Peterson

Equipe de diagramação: Jeanette Andrews, Fay P. Andrus, Mandie Bentley, C. Kimball Bott, Thomas Child, David Green, Colleen Hinckley, Eric P. Johnsen, Susan Lofgren, Scott M. Mooy, Emily Chieko Remington, Mark W. Robison, Brad Teare, K. Nicole Walkenhorst

Coordenadora de propriedade intelectual: Collette Nebeker Aune

Gerente de produção: Jane Ann Peters

Equipe de produção: Ira Glen Adair, Julie Burdett, Thomas G. Cronin, Bryan W. Gygi, Ginny J. Nilson, Derek Richardson

Pré-impressão: Joshua Dennis, Ammon Harris

Diretor de impressão: Steven T. Lewis

Diretor de distribuição: Troy R. Barker

Responsável pela tradução: Patricia Corrêa

Distribuição: Corporação do Bispado Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Steinmühlstrasse 16, 61352 Bad Homburg v.d.H., Alemanha.

Para assinatura ou mudança de endereço, entre em contato com o Serviço ao Consumidor. Ligação Gratuita: 00800 2950 2950. Telefone: +49 (0) 6172 4928 33/34. E-mail: orderseu@ldschurch.org. Online: store.lds.org. Preço da assinatura para um ano: € 4,60 para Portugal, € 1,85 para Açores e CVE 204 para Cabo Verde.

Para assinaturas e preços fora dos Estados Unidos e do Canadá, acesse o site store.LDS.org ou entre em contato com o Centro de Distribuição local ou o líder da ala ou do ramo.

Envie manuscritos e perguntas online para liahona.LDS.org; pelo correio, para: *Liahona*, Room 2420, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150-0024, USA; ou por e-mail, para: liahona@LDSchurch.org.

Liahona, termo do Livro de Mórmon que significa "bússola" ou "guia", é publicada em albanês, alemão, armênio, bislama, búlgaro, cambojano, cebuano, chinês, chinês (simplificado), coreano, croata, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, fijiano, finlandês, francês, grego, holandês, húngaro, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malgaxe, marshallês, mongol, norueguês, polonês, português, quiribatí, romeno, russo, samoano, suaili, sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tcheco, tonganês, ucraniano, urdu e vietnamita. (A periodicidade varia de um idioma para outro.)

© 2018 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos da América.

Informação de copyright: A menos que seja indicado o contrário, é permitido copiar o material da revista *Liahona* para uso pessoal, não comercial (inclusive para os chamados na Igreja). Essa permissão pode ser revogada a qualquer momento. O material visual não pode ser copiado caso haja restrições indicadas nos créditos constantes da obra. As perguntas sobre direitos autorais devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office, 50 E. North Temple St., FL 13, Salt Lake City, UT 84150, USA; e-mail: cor-intellectualproperty@LDSchurch.org.

For Readers in the United States and Canada:

July 2018 Vol. 71 No. 7. LIAHONA (USPS 311-480) Portuguese (ISSN 1044-3347) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150. USA subscription price is \$10.00 per year; Canada, \$12.00 plus applicable taxes. Periodicals Postage Paid at Salt Lake City, Utah. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; old and new addresses *must* be included. Send USA and Canadian subscriptions to Salt Lake Distribution Center at address below. Subscription help line: 1-800-537-5971. Credit card orders (Visa, MasterCard, American Express) may be taken by phone. (Canada Poste Information: Publication Agreement #40017431)

POSTMASTER: Send all UAA to CFS (see DMM 507.1.5.2). NONPOSTAL AND MILITARY FACILITIES: Send address changes to Distribution Services, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, UT 84126-0368, USA.

MAIS NA INTERNET



Leia os artigos e envie sua própria contribuição para liahona.LDS.org.

Encontre mensagens inspiradoras (disponíveis em inglês, português e espanhol) que podem ser compartilhadas em [facebook.com/liahona](https://www.facebook.com/liahona).



Envie comentários para liahona@LDSchurch.org.

Inscreva-se no site store.LDS.org. Ou visite um centro de distribuição, consulte os líderes da ala ou telefone para 1-800-537-5971 (EUA e Canadá).



ICONS: GETTY IMAGES

TÓPICOS DESTA EDIÇÃO

Os números representam a primeira página de cada artigo.

Adversidade, 24, 43

Amizade, 68, 70, 75

Arrependimento, 63

Batismo, 74

Caridade, 6

Compartilhar, 79

Confiança, 10

Conversão, 18, 36, 42, 44

Dia do Senhor, 56, 60

Espírito Santo, 20, 68

Estudo das escrituras, 48, 50

Exemplo, 40, 41, 70

Família, 62, 64, 66, 68

Fé, 30, 40, 43

Felicidade, 4

História da Igreja, 12

Jesus Cristo, 62, 72

Joseph Smith, 12

Lealdade, 30, 75

Livro de Mórmon, 12, 36, 73, 80

Obra missionária, 18, 70

Oração, 20, 48, 50, 76

Pai Celestial, 20, 48

Pioneiros, 24, 30, 44

Sacrifício, 44, 64

Serviço, 6, 54

Templos, 58, 62, 63, 64, 74

Verdade, 50





RETRATOS DE FÉ

Victor nasceu prematuro, três meses antes da data prevista. Por causa disso, desenvolveu diversas deficiências e só conseguiu andar aos 7 anos de idade. Apesar dos desafios que enfrentou, Victor decidiu ser uma pessoa feliz. Sente alegria ao ajudar as pessoas e lhes demonstrar amor.

LESLIE NILSSON, FOTÓGRAFO

Victor Barbinyagra

Cracóvia, Ucrânia

Ainda tenho problemas, como todo mundo. Eles não são maiores nem menores e, embora não sejamos capazes de resolvê-los cem por cento, sei que podemos lidar com nossos problemas e seguir em frente.

Em virtude da Igreja, sei que você pode ser feliz não importa o que aconteça, porque o plano de Deus é um plano de felicidade. Creio que a felicidade é algo que está em nosso interior, e não fora dele.

A felicidade surge a partir da fé quando confiamos em Deus e vivemos o evangelho. Isso nos ajuda a ter a atitude correta e a usar o que temos para nos tornar melhores.

SAIBA MAIS

Veja mais sobre a jornada de fé de Victor em liahona.LDS.org.

Visite o "Plano de salvação" em LDS.org/topics?lang=por para identificar como o plano de salvação nos ajuda a encontrar a felicidade.

Princípios para ministrar como o Salvador

AJUDAR COM COMPAIXÃO

À medida que seguir o exemplo deixado pelo Salvador, você vai descobrir que pode fazer algo significativo na vida das pessoas.

Compaixão é estar ciente da aflição das pessoas e ter o desejo de aliviá-la ou amenizá-la. O convênio de seguir o Salvador é um convênio de compaixão para “carregar os fardos uns dos outros” (Mosias 18:8). A designação de zelar pelas pessoas é uma oportunidade de servir como o Senhor faria: com compaixão, fazendo algo significativo na vida delas (ver Judas 1:22). O Senhor ordenou: “Mostrai piedade e misericórdia cada um para com seu irmão” (Zacarias 7:9).

A compaixão do Salvador

A compaixão foi uma força motivadora no ministério do Salvador (ver o final da página 8: “Um Salvador compassivo”). Sua compaixão pelo próximo fez com que ajudasse inúmeras vezes as pessoas a Seu redor. Discernindo as necessidades e os desejos

das pessoas, Ele pôde abençoá-las e ensiná-las da maneira mais significativa para elas. O desejo que o Salvador tem de nos tirar de nossas aflições resultou em seu mais sublime ato de compaixão: Sua Expição pelos pecados e sofrimentos da humanidade.

Sua capacidade de reagir às necessidades das pessoas é algo que podemos esforçar-nos para obter ao servirmos. Se vivermos em retidão e dermos ouvidos aos sussurros do Espírito, seremos inspirados a ajudar de maneiras significativas.

Nosso convênio de compaixão

O Pai Celestial quer que Seus filhos sejam compassivos (ver 1 Coríntios 12:25–27). Para nos tornar discípulos verdadeiros, precisamos desenvolver e demonstrar compaixão pelas pessoas, especialmente pelos necessitados (ver D&C 52:40).



Os princípios para ministrar como o Salvador têm como objetivo nos ajudar a aprender a cuidar uns dos outros — não para que sejam dados como mensagem. Ao conhecermos aqueles a quem servimos, o Espírito Santo vai nos inspirar a saber qual mensagem eles precisarão além de nosso cuidado e nossa compaixão.

Ao tomarmos sobre nós o nome de Jesus Cristo por meio do convênio batismal, testemunhamos que estamos dispostos a exercer compaixão. O presidente Henry B. Eyring, segundo conselheiro na Primeira Presidência, ensinou que o dom do Espírito Santo nos ajuda a ser compassivos: “Vocês são membros de A Igreja de Jesus Cristo e fizeram convênios. (...)”

É por isso que vocês têm o sentimento de querer ajudar uma pessoa que luta sob um fardo de dor e de dificuldades a prosseguir. Vocês prometeram que ajudariam o Senhor a tornar os fardos dela mais leves e que ela seria consolada. Receberam o poder de ajudar a aliviar esses fardos

quando receberam o dom do Espírito Santo”.¹

Por exemplo: uma irmã na Rússia tinha uma situação familiar difícil que a impedia de frequentar a Igreja mais de uma vez por ano. Outra irmã do ramo a ajudava com compaixão todos os domingos, telefonando para ela e contando-lhe como tinham sido os discursos, as aulas, os chamados para a missão, os bebês que nasceram e outras notícias do ramo. Quando a situação familiar da irmã foi resolvida, ela sentia que ainda fazia parte do ramo, graças aos telefonemas semanais de sua amiga. ■

NOTA

1. Henry B. Eyring, “O Consolador”, *A Liahona*, maio de 2015, p. 18.



UM SALVADOR COMPASSIVO

Você pode estudar algumas destas escrituras para ver como a compaixão de Jesus Cristo levou-O a curar, abençoar e ensinar as pessoas a Seu redor durante Seu ministério: Mateus 9:35–38; 14:14; 18:27, 33; 20:30–34; Marcos 1:40–42; 5:19; 6:30–42; 9:22; Lucas 7:13; 10:33; 15:20.

Quatro sugestões para desenvolver compaixão

Apesar de a compaixão geralmente aumentar após enfrentarmos nossas próprias provações, aqui estão algumas coisas que podemos fazer hoje para desenvolvê-la. Pense em maneiras de colocar em prática esses quatro princípios.

Ore para obtê-la. À medida que você suplicar ao Pai Celestial, Ele vai abrir seu coração, e "você sentirá uma preocupação sincera pelo bem-estar e a felicidade eterna das pessoas" (*Pregar Meu Evangelho: Guia para o Serviço Missionário*, 2004, p. 124; ver também Morôni 7:48).

1. Oração

Pratique-a. Você pode demonstrar compaixão ouvindo e compreendendo. Coloque-se no lugar das pessoas e pense como elas devem estar se sentindo. Se for apropriado à situação e ao momento, você pode se oferecer para ajudar a aliviar a dor, o sofrimento ou a aflição delas.

4. Amizade

Seja um amigo verdadeiro. Exercer compaixão pode ser tão simples quanto demonstrar genuíno interesse pela vida das pessoas. Aprenda a ouvir bem (ver "Princípios para ministrar como o Salvador: Cinco coisas que bons ouvintes fazem", *Liahona*, junho de 2018, p. 6). Seu amor por elas vai aumentar, e será mais fácil reconhecer maneiras de demonstrar esse amor.

COMPAIXÃO

2. Aplicação prática

3. Inspiração

Siga a inspiração. O Senhor pode revelar maneiras de demonstrar compaixão que nos passariam despercebidas. Quando sentir o Espírito impelindo-o a ajudar as pessoas, não hesite em agir.

SABER QUEM SÃO — E O QUE SEMPRE FORAM

Sheri L. Dew

Esta nova série destaca a vida de mulheres dedicadas e suas mensagens, extraídas do livro *Ao Púlpito: 185 Anos de Discursos Proferidos por Mulheres Santos dos Últimos Dias*, 2017.

Há pouco tempo, minha sobrinha Megan, de 16 anos, e duas de suas amigas vieram dormir em casa. Enquanto conversávamos à noite, uma delas me perguntou como tinha sido para mim crescer em uma fazenda nos tempos antigos. (...) Conteí a Megan e suas amigas que nos “tempos antigos” eu era terrivelmente tímida e não tinha nenhuma autoconfiança.

“Como consegui superar esse sentimento?”, Megan perguntou. Eu tinha uma resposta pronta na ponta da língua, mas então parei, sentindo que essas adoráveis moças poderiam assimilar mais do que isso. Assim disse a elas que a razão tinha sido espiritual: só depois que comecei a compreender como o Senhor Se sentia sobre mim é que meus sentimentos sobre

mim e minha vida começaram lentamente a mudar. As perguntas delas vieram sem tardar: Como eu *sabia* quais eram os sentimentos do Senhor? E como poderiam saber o que Ele sentia a respeito delas?

Por várias horas, com as escrituras nas mãos, falamos a respeito de como ouvir a voz do Espírito, sobre quão ansioso o Senhor está para desvendar o conhecimento profundamente armazenado em nosso espírito a respeito de quem somos e qual é nossa missão, e sobre a mudança de vida que esse conhecimento causa em nós.

(...) Não existe nada mais vital para nosso sucesso e nossa felicidade do que aprender a ouvir a voz do Espírito. É o Espírito que nos revela nossa identidade — que é não apenas quem



SOBRE A IRMÃ DEW

Sheri Linn Dew nasceu em Ulysses, Kansas, EUA, em 1953.

É a mais velha de cinco filhos e, ao concluir o quinto ano, já sabia dirigir um trator na fazenda da família, onde cultivavam cereais. Aos domingos sua avó Maudie Dew a levava cedo à igreja, que se reunia em um salão alugado. Elas precisavam varrer bitucas de cigarro e latas de cerveja para preparar o local para a igreja. Por frequentar um ramo pequeno, dava muitos discursos e aulas. Ela se tornou a pianista do ramo ainda jovem e serviu na presidência da Primária em seu ramo aos 16 anos.

Depois de se graduar em história na Universidade Brigham Young em 1978, foi trabalhar como editora na Bookcraft. Ingressou na Deseret Book em 1988, tornando-se sua vice-presidente executiva em 2000.

Tinha 35 anos quando foi chamada para a junta geral da Sociedade de Socorro durante a presidência de Barbara W. Winder. Em 1997, com apenas 43 anos, tornou-se segunda conselheira da irmã Mary Ellen W. Smoot na presidência geral da Sociedade de Socorro.

A irmã Dew exortou as irmãs a compreenderem o seu valor durante seu discurso na Conferência de Mulheres da BYU em 2001, no texto que se segue (ortografia e pontuação padronizadas).

somos, mas quem sempre fomos. E que, quando descobrimos isso, nossa vida é tomada por um sentimento de propósito tão assombroso que nunca mais voltaremos a ser os mesmos.

(...) Nosso espírito anseia por se lembrar da verdade sobre quem somos, porque a forma como vemos a nós mesmos, nosso senso de identidade, afeta tudo o que fazemos. (...) Afeta mesmo a maneira como vivemos. Sendo assim, convido-os a ponderar de uma forma renovada não apenas quem somos, mas quem sempre fomos.

(...) Podem imaginar que Deus, que nos conhece perfeitamente, nos

reservou para viver agora, quando os riscos seriam mais elevados e a oposição mais intensa do que nunca? Viver quando Ele necessitaria de mulheres que pudessem ajudar a levantar e a guiar uma geração em meio ao mais medonho dos ambientes espirituais? Podem imaginar que Ele nos escolheu porque sabia que poderíamos edificar Sião sem temor?

(...) Grandes e nobres. Corajosas e determinadas. Fiéis e destemidas. É isso que vocês são, e é isso o que sempre foram. Compreender essa verdade tem o poder de mudar nossa vida, porque esse conhecimento causa

uma confiança que não pode ser copiada de nenhuma outra forma.

(...) Ao compreender que *vocês* foram escolhidas e reservadas para esse momento, e ao viver em harmonia com essa missão, serão mais felizes do que jamais o foram no passado.

(...) Deus é nosso Pai, e Seu Filho Unigênito é o Cristo. Que nos regozijemos novamente em permanecer firmes no Salvador, servindo com valor e vigor em Sua vinha. E que edifiquemos sem temor a Sião de nosso Deus — ao sabermos quem somos e quem sempre fomos. ■







CAPÍTULO 5

Tudo está perdido

Este é o capítulo 5 de uma nova narrativa histórica de quatro volumes intitulada Santos: A História da Igreja de Jesus Cristo nos Últimos Dias. O livro estará disponível em 14 idiomas em versão impressa, na seção História da Igreja do aplicativo Biblioteca do Evangelho e online no site santos.LDS.org. Os próximos capítulos serão publicados em edições posteriores até o volume 1 ser lançado antes do fim deste ano. Esses capítulos estarão disponíveis em 47 idiomas no aplicativo Biblioteca do Evangelho e em santos.LDS.org.

Depois que Joseph trouxe as placas de ouro para casa, caçadores de tesouro tentaram roubá-las nas semanas seguintes. Para manter o registro em segurança, ele teve que movê-las para vários lugares, escondendo as placas sob a lareira, debaixo do piso da oficina de seu pai e de pilhas de grãos. Ele não podia se descuidar.

Vizinhos curiosos iam à sua casa pedindo para que lhes mostrasse o registro. Joseph sempre se recusava a fazer isso, até mesmo quando alguém se oferecia para pagá-lo. Ele estava decidido a cuidar das placas, confiando na promessa do Senhor de que, se ele fizesse tudo o que podia, elas seriam protegidas.¹

Mas essas interrupções o impediam de examinar as placas e aprender mais sobre o Urim e Tumim. Ele sabia que os intérpretes deveriam ajudá-lo a traduzir as placas, mas nunca havia usado pedras de vidente para ler um idioma antigo, por isso ele estava ansioso para começar o trabalho, mas não estava claro para ele como fazê-lo.²

Enquanto Joseph estudava as placas, um respeitado fazendeiro de Palmyra, chamado Martin Harris, ficou interessado em seu trabalho. Martin tinha idade suficiente para ser pai de Joseph e, às vezes, o contratava para ajudá-lo em sua fazenda, de forma que ele ouvia falar sobre as placas de ouro, mas não dera atenção a elas até que a mãe de Joseph o convidou para visitar o filho.³

Joseph estava trabalhando quando Martin chegou à sua casa e fez algumas perguntas a Emma e a outros membros da família sobre as placas. Quando Joseph chegou, Martin o segurou pelo braço e lhe pediu mais detalhes. Joseph lhe contou sobre as placas de ouro e as instruções de Morôni para traduzir e publicar o livro.

“Se for o trabalho do diabo”, disse Martin, “não terei nada a ver com isso”. Mas, se fosse o trabalho do Senhor, ele queria ajudar Joseph a proclamá-lo ao mundo.

Por isso, Joseph permitiu que Martin segurasse o cofre onde guardava as placas, o que o fez perceber que havia algo pesado dentro, mas ainda não ficou convencido de que eram as placas de ouro. “Você não deve me culpar por não acreditar em sua palavra”, disse ele a Joseph antes de voltar para casa.

Ao chegar em casa, depois da meia-noite, Martin foi para seu quarto e orou, prometendo a Deus que daria tudo o que tinha se soubesse que Joseph estava fazendo uma obra divina.

Ao orar, Martin sentiu uma voz mansa e delicada falar à sua alma. Ele soube naquele momento que as placas eram de Deus e que teria que ajudar Joseph a compartilhar a mensagem com o mundo.⁴

No final de 1827, Emma soube que estava grávida e escreveu para os pais. Já fazia quase um ano desde que ela e Joseph haviam se casado e, apesar de ainda estarem contrariados, o casal Hale permitiu que o jovem casal retornasse para Harmony a fim de que Emma pudesse ter o bebê perto da família.

Embora essa mudança o levasse para longe dos pais e irmãos, Joseph tinha o desejo de ir, pois em Nova York

Sem saber ao certo o que fazer, Joseph orou pedindo orientação, e o Senhor lhe disse para não deixar Martin levar as páginas.³⁵ Mas Martin tinha certeza de que sua esposa mudaria de opinião se lhe mostrasse o manuscrito e pediu que Joseph perguntasse novamente. Joseph assim o fez, e a resposta foi a mesma. Contudo, Martin o pressionou a orar uma terceira vez e, dessa vez, Deus permitiu que fizessem como desejavam.

Joseph disse que Martin poderia levar as páginas por duas semanas se fizesse um convênio de escondê-las e mostrá-las somente para alguns familiares. Martin fez a promessa e voltou para Palmyra com os manuscritos.³⁶

Depois que Martin partiu, Morôni apareceu a Joseph e tirou dele os intérpretes.³⁷

Um dia depois da partida de Martin, Emma enfrentou um trabalho de parto agonizante e deu à luz um menino. O bebê era frágil e doente e não viveu por muito tempo. A provação deixou Emma fisicamente esgotada e emocionalmente desolada e, por um tempo, parecia que ela morreria também, de maneira que Joseph cuidou dela constantemente, nunca a deixando sozinha por muito tempo.³⁸

Depois de duas semanas, quando Emma finalmente mostrou sinais de que sua saúde começou a melhorar, os pensamentos dela se voltaram para Martin e o manuscrito. “Estou tão preocupada com isso”, disse ela a Joseph, “que não conseguirei descansar e não me sentirei à vontade até ter notícias sobre o que Harris está fazendo com o manuscrito”.

Ela incentivou Joseph a ir atrás de Martin, mas Joseph não queria deixá-la. “Peça a minha mãe que venha”, ela disse, “e ela ficará comigo enquanto você estiver longe”.³⁹

Assim, Joseph pegou uma carruagem em direção ao norte. Ele dormiu e comeu pouco durante a viagem, com medo de que tivesse ofendido ao Senhor por não tê-lo ouvido quando Ele disse para não deixar Martin levar o manuscrito.⁴⁰

O sol estava raiando quando ele chegou na casa dos pais, em Manchester. A família Smith estava preparando o desjejum e enviou um convite a Martin para se juntar a eles. Às 8 horas, a refeição estava na mesa, mas Martin não apareceu. Joseph e sua família começaram a ficar preocupados enquanto esperavam por ele.

Finalmente, depois de mais de quatro horas, Martin apareceu à distância, andando lentamente em direção à casa, com o olhar fixo no chão à sua frente.⁴¹ Ele parou quando chegou no portão, sentou-se na cerca e cobriu os olhos com o chapéu. Por fim, entrou na casa e se sentou em silêncio.

A família observou Martin pegar os talheres, como se estivesse pronto para comer, mas então os largou. “Perdi minha alma!”, ele exclamou, pressionando as mãos nas têmporas. “Perdi minha alma.”

Joseph deu um pulo da cadeira. “Martin, você perdeu o manuscrito?”

“Sim”, Martin respondeu. “Ele desapareceu e não sei onde está.”

“Ó meu Deus, meu Deus”, Joseph gemeu, cerrando os punhos. “Tudo está perdido!”

Ele começou a andar pela sala sem saber o que fazer até que ordenou a Martin: “Volte. Procure novamente”.

“Não vai adiantar”, Martin exclamou. “Já procurei em

todos os lugares da casa. Até rasguei colchões e travesseiros e sei que ele não está lá.”

“Devo voltar para minha esposa com essa história?”, falou Joseph, que temia que a notícia pudesse matá-la. “E como vou me apresentar perante o Senhor?”

Sua mãe procurou confortá-lo, dizendo que talvez Deus o perdoasse se ele humildemente se arrependesse. Porém, naquele momento, Joseph estava chorando, furioso consigo mesmo por não ter obedecido ao Senhor na primeira vez. Ele mal conseguiu comer pelo resto do dia. Passou a noite na

casa dos pais e na manhã seguinte partiu para Harmony.⁴²

O coração de Lucy estava pesado ao ver seu filho partir. Parecia que todas as esperanças da família — tudo o que lhes trouxera alegria nos últimos anos — rapidamente desapareceram.⁴³ ■

Uma lista completa dos trabalhos citados está disponível em inglês no site saints.LDS.org.

A palavra *Tópico* nas notas indica que há mais informações online no site santos.LDS.org.

NOTAS

1. Joseph Smith—History [Joseph Smith—História], vol. 1, p. 59; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 8, em *JSP*, H1, pp. 236–238 (rascunho 2); Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, pp. 1–2; Knight, Reminiscences [Memórias], p. 3.
2. Knight, Reminiscences [Memórias], pp. 3–4; Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, pp. 1–3; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], por volta do verão de 1832, p. 1, em *JSP*, H1, p. 11.



O lar de Joseph e Emma Smith em Harmony, Pensilvânia.

3. “Mormonism—No. II” [Mormonismo N° II], *Tiffany’s Monthly*, agosto de 1859, pp. 167–168; Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, pp. 3–4; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 8, em *JSP*, H1, p. 238 (rascunho 2). **Tópico:** Witnesses of the Book of Mormon [Testemunhas do Livro de Mórmon].
4. “Mormonism—No. II” [Mormonismo N° II], *Tiffany’s Monthly*, agosto de 1859, pp. 168–170.
5. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, pp. 8–9, em *JSP*, H1, p. 238 (rascunho 2); Knight, Reminiscences [Memórias], p. 3; “Mormonism—No. II” [Mormonismo N° II], *Tiffany’s Monthly*, agosto de 1859, p. 170.
6. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, p. 6; Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1845, p. 121.
7. “Mormonism—No. II” [Mormonismo N° II], *Tiffany’s Monthly*, agosto de 1859, p. 170.
8. “Mormonism—No. II” [Mormonismo N° II], *Tiffany’s Monthly*, agosto de 1859, p. 170; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 9, em *JSP*, H1, p. 240 (rascunho 2).
9. Isaac Hale, Affidavit [Depoimentos], 20 março de 1834, em “Mormonism” [Mormonismo], *Susquehanna Register e Northern Pennsylvanian*, 1° de maio de 1834, p. 1.
10. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 9, em *JSP*, H1, p. 240 (rascunho 2); Knight, Reminiscences [Memórias], p. 3.
11. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, p. 3; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 9, em *JSP*, H1, p. 240 (rascunho 2); “Letter from Elder W. H. Kelley” [Carta do élder W. H. Kelley], *Saints’ Herald*, 1° de março de 1882, p. 68; ver também Doutrina e Convênios 9:7–8 (Revelação [Revelação], abril de 1829–D, em josephsmithpapers.org).
12. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], por volta do verão de 1832, p. 5, em *JSP*, H1, p. 15; Knight, Reminiscences [Memórias], p. 3. **Tópico:** Book of Mormon Translation [A tradução do Livro de Mórmon].
13. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 9, em *JSP*, H1, pp. 238–240 (rascunho 2); Joseph Smith History [História de Joseph Smith], por volta do verão de 1832, p. 5, em *JSP*, H1, p. 15.
14. MacKay, “Git Them Translated” [Faça com Que Sejam Traduzidas], pp. 98–100.
15. Bennett, “Read This I Pray Thee” [Leia Isso, Eu Peço], p. 192.
16. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 9, em *JSP*, H1, p. 240 (rascunho 2); Bennett, Journal [Diário], 8 de agosto de 1831, em Arrington, “James Gordon Bennett’s 1831 Report on ‘The Mormonites’” [Relatório de 1831 de Gordon Bennett sobre os Mórmons], p. 355.
17. [James Gordon Bennett], “Mormon Religion—Clerical Ambition—Western New York—the Mormonites Gone to Ohio” [A religião mórmon — Ambição eclesiástica — Oeste de Nova York — Os mórmons vão para Ohio], *Morning Courier e New-York Enquirer*, 1° de setembro de 1831, p. 2.
18. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 9, em *JSP*, H1, pp. 240–242 (rascunho 2); Jennings, “Charles Anthon”, pp. 171–187; Bennett, “Read This I Pray Thee” [Leia Isso, Eu Peço], pp. 178–216.
19. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 9, em *JSP*, H1, p. 244 (rascunho 2); Bennett, Journal, 8 de agosto de 1831, em Arrington, “James Gordon Bennett’s 1831 Report on ‘The Mormonites’” [Relatório de 1831 de Gordon Bennett sobre os Mórmons], p. 355; Knight, Reminiscences [Memórias], p. 4. **Tópico:** Martin Harris’s Consultations with Scholars [Martin Harris consulta acadêmicos].
20. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], por volta do verão de 1832, p. 5, em *JSP*, H1, p. 15; Isaías 29:11–12; 2 Néfi 27:15–19.
21. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, p. 8; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 9, em *JSP*, H1, p. 244; Joseph Smith III, “Last Testimony of Sister Emma” [O último testemunho da irmã Emma], *Saints’ Herald*, 1° de outubro de 1879, pp. 289–290.
22. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 9, em *JSP*, H1, p. 244 (rascunho 2); Isaac Hale, Affidavit [Depoimentos], 20 de março de 1834, em “Mormonism” [Mormonismo], *Susquehanna Register e Northern Pennsylvanian*, 1° de maio de 1834, p. 1; Agreement with Isaac Hale [Contrato com Isaac Hale], 6 de abril de 1829, em *JSP*, D1, pp. 28–34.
23. Briggs, “A Visit to Nauvoo in 1856” [Uma visita a Nauvoo em 1856], p. 454; ver também Edmund C. Briggs para Joseph Smith, 4 de junho de 1884, *Saints’ Herald*, 21 de junho de 1884, p. 396.
24. Joseph Smith III, “Last Testimony of Sister Emma” [O último testemunho da irmã Emma], *Saints’ Herald*, 1° de outubro de 1879, pp. 289–290; Briggs, “A Visit to Nauvoo in 1856” [Uma visita a Nauvoo em 1856], p. 454.
25. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 9, em *JSP*, H1, p. 244 (rascunho 2); Isaac Hale, Affidavit [Depoimentos], 20 de março de 1834, em “Mormonism” [Mormonismo], *Susquehanna Register e Northern Pennsylvanian*, 1° de maio de 1834, p. 1.
26. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, p. 8.
27. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, pp. 3–5, 8–9.
28. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, pp. 9–10; Joseph Smith III, “Last Testimony of Sister Emma” [O último testemunho da irmã Emma], *Saints’ Herald*, 1° de outubro de 1879, pp. 289–290.
29. Em um relato de suas memórias, Emma Smith disse que ela trabalhava na mesma sala de Joseph e Oliver Cowdery enquanto eles terminavam a tradução em 1829 e provavelmente ela também estava presente quando Joseph e Martin traduziam em 1828 (Joseph Smith III, “Last Testimony of Sister Emma” [O último testemunho da irmã Emma], *Saints’ Herald*, 1° de outubro de 1879, p. 290).
30. William Pilkington, Affidavit [Depoimentos], Condado de Cache, UT, 3 de abril de 1934, em William Pilkington, *Autobiography and Statements* [Autobiografia e Declarações], Biblioteca de História da Igreja; “One of the Three Witnesses” [Uma das três testemunhas], *Deseret News*, 28 de dezembro de 1881, p. 10.
31. Briggs, “A Visit to Nauvoo in 1856” [Uma Visita a Nauvoo em 1856], p. 454; Joseph Smith III, “Last Testimony of Sister Emma” [O último testemunho da irmã Emma], *Saints’ Herald*, 1° de outubro de 1879, pp. 289–290.
32. Ver Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, p. 10; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 9, em *JSP*, H1, p. 244; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], por volta do verão de 1832, p. 5, em *JSP*, H1, p. 15; Knight, Reminiscences [Memórias], p. 5; e Historical Introduction to Preface to the Book of Mormon [Introdução histórica ao prefácio do Livro de Mórmon], por volta de agosto de 1829, em *JSP*, D1, pp. 92–93.
33. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, p. 9, em *JSP*, H1, p. 244 (rascunho 2); Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, p. 10.
34. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 6, pp. 10–11; livro 7, p. 1.
35. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], por volta do verão de 1832, p. 5, em *JSP*, H1, p. 15.
36. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, pp. 9–10, em *JSP*, H1, pp. 244–246 (rascunho 2); Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, p. 1; Knight, Reminiscences [Memórias], p. 5.
37. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A–1, pp. 9–10, em *JSP*, H1, pp. 244–246 (rascunho 2).
38. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, pp. 1–2. **Tópico:** Joseph and Emma Hale Smith Family [A família de Joseph e Emma Hale Smith].
39. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, pp. 1–2.
40. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, pp. 2–4.
41. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, p. 5.
42. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, pp. 5–7. **Tópico:** Lost Manuscript of the Book of Mormon [Os manuscritos perdidos do Livro de Mórmon].
43. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 7, p. 7. **Tópico:** Lucy Mack Smith.

COMO TIVEMOS SUCESSO EM compartilhar o evangelho

Na condição de recém-conversos, minha esposa e eu não sabíamos muito bem como ser missionários. Mas estabelecemos a meta de falar com cem pessoas.

Never Chikunguwo

Consultor de história da Igreja, Zimbábue

Minha esposa, Everjoyce, e eu somos da pequena vila de Mutare, no extremo leste do Zimbábue. Logo depois de sermos batizados e confirmados, ficamos animados em fazer o trabalho missionário. Havíamos lido que “o campo já está branco para a ceifa” (D&C 33:7) e, embora não soubéssemos nada sobre como ser missionários, decidimos que era necessário “[lançar nossas] foices e [ceifar] com todo o poder, mente e força”.

Éramos membros do recém-criado Ramo Dangamvura, localizado em um dos municípios de Mutare. Naquela ocasião, em 1991, o ramo tinha 25 membros. Em pouco tempo, fomos chamados como missionários do ramo. Aprendemos muito com um casal missionário sênior que servia em nossa área. Eles nos deram a sugestão de traçarmos metas.

Queríamos falar do evangelho com todos, portanto estabelecemos a meta de compartilhá-lo com cem pessoas durante o primeiro ano em que fomos chamados missionários do ramo. Talvez estivéssemos sendo ingênuos, mas pareceu realista para nós. Confiávamos na ajuda do Senhor.

Ao cantar hinos nas reuniões da Igreja, descobrimos que tínhamos um talento oculto para a música. Decidimos

usar nossos talentos e começamos a cantar para — e em conjunto com — as pessoas que mostravam interesse no evangelho quando nos reuníamos para ensiná-las. O Espírito nos acompanhava ao cantarmos música sacra, e Ele tocava o coração daqueles a quem estávamos ensinando. Assim agia a mensagem do evangelho restaurado. Incentivamos a todos que visitassem o nosso pequeno ramo, e muitos o fizeram, fossem santos dos últimos dias ou não. À medida que mais pessoas aprendiam sobre o evangelho, muitas entravam nas águas do batismo.



Never e Everjoyce Chikunguwo

Ao prosseguirmos em nossos esforços missionários, continuávamos a jejuar e a orar pelas famílias que haviam se filiado à Igreja. Sentimos que outras pessoas na comunidade estavam observando o exemplo de retidão dessas famílias. Recebemos cada vez mais convites para ensinar famílias, e nossa lista de pessoas para ensinar ficou repleta de membros em perspectiva.

Como resultado de aprenderem e viverem o evangelho, os novos casais batizados se tornaram mais amorosos e unidos. Os pais conseguiram deixar para trás suas tradições incompatíveis com a cultura do evangelho. Abandonaram o álcool e o tabaco. Ensinaram aos filhos



os princípios corretos. Muitos deles, que antes estavam envolvidos profundamente em coisas mundanas, agora estavam em condições de aceitar chamados na Igreja. Eles se tornaram uma bênção para seu ramo e sua comunidade. A mão de Deus causou uma mudança poderosa na vida deles.

Embora uma grande perseguição tenha surgido em Mutare naquela ocasião, isso não interrompeu o crescimento da Igreja. Parecia que, quanto mais forte era a oposição, maior era o número de pessoas que desejavam aprender a respeito da Igreja. Por exemplo, quando membros da guarda nacional vieram disfarçados para investigar

as acusações contra a Igreja, acabaram sendo tocados pelo Espírito. Posteriormente muitos deles foram batizados e ordenados ao sacerdócio.

Com a ajuda do Senhor, conseguimos compartilhar o evangelho com muito mais pessoas do que a meta original. Por causa de nosso desejo de encontrar maneiras de alcançar outras famílias, pudemos testemunhar uma mudança vigorosa na vida de muitos na nossa comunidade. ■

Nota do editor: O crescimento rápido do Ramo Dangamvura logo foi seguido pela construção de uma capela. O esforço missionário se espalhou para outros locais e, em 1995, um distrito com oito unidades foi organizado em Mutare.





Élder Jorge F.
Zeballos

Dos setenta

Não deixemos de reconhecer

*Existe uma força mais poderosa do que os terremotos, vendavais ou incêndios violentos.
Mas é delicada e leve, por isso precisamos estar atentos se quisermos que ela nos guie.*

Em 27 de fevereiro de 2010, às 3 horas e 34 minutos da madrugada, um terremoto de magnitude 8.8 na escala MMS atingiu com violência a maior parte do Chile, causando pânico, medo e tensão em milhões de pessoas.

Poucos dias depois, fui designado para presidir uma conferência de estaca numa localidade próxima ao epicentro desse grande tremor. Fiquei preocupado sobre como o terremoto e os tremores secundários poderiam prejudicar a frequência à conferência. Fiquei surpreso ao verificar que a frequência em cada sessão da conferência foi maior do que a verificada em conferências anteriores.

Aparentemente, o terremoto havia lembrado os membros da estaca, pelo menos temporariamente, a respeito da importância de estarem próximos a Deus, santificando o Dia do Senhor e assistindo às reuniões. Várias semanas depois, telefonei para o presidente da estaca. Perguntei se a frequência às reuniões da Igreja ainda estava alta. Ele respondeu que, assim que o número e a magnitude dos tremores diminuíram, o mesmo aconteceu com a frequência à igreja.

Um comportamento semelhante ocorreu durante os eventos terríveis que destruíram o World Trade Center em Nova York, EUA, em 11 de setembro de 2001. Milhares de pessoas procuraram suas igrejas em busca de paz e consolo de que tanto necessitavam. No entanto, com o passar do tempo, essa busca diminuiu e as coisas voltaram ao

normal. Não são terremotos, tempestades, desastres ou tragédias, tanto naturais quanto provocadas pelo homem, que desenvolvem a fé, o testemunho e finalmente a conversão.

Elias e a voz mansa e delicada

Nos dias do profeta Elias, Acabe era o rei de Israel. Acabe se casou com Jezabel, uma princesa fenícia. Ela apresentou os costumes dos fenícios aos israelitas e estabeleceu a adoração de ídolos. Depois de Elias desafiar e derrotar os sacerdotes de Baal que apinhavam a corte do rei Acabe, Jezabel passou a ameaçar a vida do profeta e assim ele fugiu para o deserto (ver 1 Reis 18:4, 13, 19, 21–40; 19:1–4).

Depois de ser alimentado por um anjo no deserto, Elias caminhou durante 40 dias e 40 noites até o monte Horebe (ver 1 Reis 19:5–8). No deserto, a palavra do Senhor veio até Elias. Foi-lhe dito que saísse da caverna onde havia passado a noite. Ao se postar no monte diante do Senhor, levantou-se “um grande e forte vento”, tão poderoso que quebrava as pedras e os montes, “porém o Senhor não estava no vento”. Então ocorreu um terremoto, e “também o Senhor não estava no terremoto”. Em seguida veio um fogo, “porém também o Senhor não estava no fogo” (1 Reis 19:11–12). Apesar da força do vento, do terremoto e do fogo, estas não foram manifestações da voz do Senhor ao profeta.

Depois dessas poderosas exibições das forças da natureza, “uma voz mansa e delicada” veio até Elias, e ele a escutou (ver 1 Reis 19:12–13). A voz reconfortante do Senhor disse a ele quem deveria ser ungido como o próximo rei da Síria, a quem deveria ungir como rei subsequente de Israel e que deveria ungir a Eliseu como o profeta que viria a sucedê-lo.

Discernir a voz

A mesma voz que foi ouvida por Elias — a voz que lhe indicou o que fazer durante um período difícil em sua vida e seu ministério — ainda está disponível para cada filho de Deus que procura com sinceridade fazer a vontade do Pai. Mas, em meio a tantas vozes ruidosas e mundanas que nos convidam a trilhar caminhos obscuros e confusos, onde podemos encontrar a voz mansa e delicada que nos indicará o que fazer, o que dizer e o que o Senhor deseja que nos tornemos?

Néfi nos incentiva a “[nos banquetear] com as palavras de Cristo; pois eis que as palavras de Cristo vos dirão todas as coisas que deveis fazer” (2 Néfi 32:3).

E onde encontramos as palavras de Cristo para podermos nos banquetear com elas? Podemos buscar nas escrituras, especialmente no Livro de Mórmon, que foi escrito e preservado em sua pureza para nós, os habitantes desta geração. Também escutamos as palavras dos profetas modernos, que nos dizem atualmente qual é o desejo de nosso Pai Celestial e de nosso Salvador Jesus Cristo.

As palavras dos profetas vivos nos guiam quando nos defrontamos com desafios novos e complexos. Por exemplo, nos anos recentes, enquanto a confusão predominante do mundo e das suas filosofias tem procurado de forma permanente alterar o conceito do casamento e da família, as palavras dos profetas enfatizam de maneira corajosa, firme e amorosa a natureza sagrada da família ao declarar que “o casamento entre homem e mulher foi ordenado por Deus e que a família é essencial ao plano do Criador para o destino eterno de Seus filhos”.¹



Hoje em dia os profetas e apóstolos também salientam a importância de se guardar o Dia do Senhor em casa e na Igreja e de se alcançar a salvação de nossos ancestrais por meio da história da família e da obra do templo. A cada conferência geral, eles proporcionam orientação espiritual adicional para a Igreja.

O Espírito Santo os guiará

Néfi também ensina: “Se entrardes pelo caminho e receberdes o Espírito Santo, ele vos mostrará todas as coisas que deveis fazer” (2 Néfi 32:5). Sendo assim, depois de reforçar a importância de buscarmos as palavras de Cristo, Néfi então nos instrui a respeito da comunicação pessoal e direta que precisamos manter com o Espírito Santo, o terceiro membro da Trindade.

Néfi sabia exatamente do que estava falando. Cerca de 30 ou 40 anos antes, enquanto sua família ainda estava no deserto e ele estava construindo um navio que pudesse levá-los à terra da promessa, Néfi repreendeu seus irmãos mais velhos por cometerem iniquidades mesmo depois de haverem ouvido a voz de um anjo.



Néfi lhes disse: “Sois rápidos em cometer iniquidades, porém vagarosos em lembrar-vos do Senhor vosso Deus. Haveis visto um anjo que vos falou; sim, haveis ouvido sua voz de tempos em tempos; e ele vos falou numa voz mansa e delicada, mas havíeis perdido a sensibilidade, de modo que não pudestes perceber suas palavras; portanto, falou-vos ele com voz de trovão, o que fez tremer a terra como se fosse partir-se em pedaços” (1 Néfi 17:45).

Não deixemos de reconhecer

A comunicação de Deus com Seus filhos costuma vir por meio do Espírito Santo, que tende a Se comunicar conosco com uma voz que se insere em nossa mente e nosso coração, “a voz mansa e delicada, que sussurra através de todas as coisas e penetra todas as coisas” (D&C 85:6). Procuremos ouvir essa voz gentil e não esperar que alguém precise falar conosco com voz de trovão! Lembrem-se: Elias aprendeu que a voz do Senhor não estava no vento, no terremoto ou no fogo. O Senhor falou a ele por meio do Espírito Santo, uma voz mansa e delicada.

“A voz do Senhor nos advém por meio de um *senti-mento* ao invés de uma voz”, disse o presidente Boyd K. Packer (1924–2015), que foi o presidente do Quórum dos Doze Apóstolos. “Vocês vão aprender, como eu aprendi, a ‘ouvir’ essa voz que é mais *sentida* do que *ouvida*. (...)

É uma voz espiritual que vem à mente como um pensamento ou como um sentimento colocado em seu coração.”²

Nós *sentimos* as palavras do Espírito Santo na mente e no coração mais do que *ouvimos* com os ouvidos. Não deixemos de reconhecer esses sussurros! Que abramos a mente e o coração para receber as palavras dos profetas. Que permitamos ao Espírito Santo continuar a nos ensinar por meio da voz mansa e delicada. Ao ensinar Seus discípulos a respeito do Espírito Santo, que seria enviado a eles depois de Sua partida, o Salvador disse-lhes: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (João 14:26).

Todo membro fiel de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem o direito e a bênção de receber orientação pessoal, inspiração e revelação pessoal dos céus por meio do Espírito Santo.

O presidente Thomas S. Monson (1927–2018) disse: “Sejam influenciados por essa voz mansa e delicada. Lembrem-se de que alguém, com autoridade, impôs as mãos sobre sua cabeça no momento de sua confirmação e disse: ‘Recebe o Espírito Santo’. Abram o coração, sim, a própria alma, para o som daquela voz especial que testifica a verdade. Conforme prometeu o profeta Isaías: ‘E os teus ouvidos ouvirão a palavra (...) dizendo: Este é o caminho, andai nele’ (Isaías 30:21)”.³ ■

NOTAS

1. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, maio de 2017, p. 145.
2. Boyd K. Packer, “Conselho para os jovens”, *A Liahona*, novembro de 2011, p. 17.
3. Thomas S. Monson, “Crer, obedecer e perseverar”, *A Liahona*, maio de 2012, p. 129.



FÉ

PARA SEGUIR EM FRENTE

Armados com o testemunho do Senhor Jesus Cristo, membros da companhia de carrinhos de mão Willie seguiram em frente enfrentando dificuldades e fome.

A história que vou contar começou nos verdes campos da área rural da Inglaterra, onde John Bennett Hawkins nasceu, em Gloucester, em 1825. Ele foi batizado na Igreja em 1849 e no mesmo ano partiu para a América com uma companhia de santos dos últimos dias no navio *Henry Ware*. Chegou a Utah em agosto de 1852 e foi um dos ferreiros pioneiros no início do assentamento do estado de Utah.

Sua futura noiva, Sarah Elizabeth Moulton, também veio da área rural da Inglaterra. Irchester é uma cidadezinha perto do rio Nene, cerca de cem quilômetros ao norte de Londres e quase a mesma distância a leste de Birmingham. Sarah Elizabeth nasceu lá em 1837, filha de Thomas Moulton e Esther Marsh. A mãe de Sarah Elizabeth morreu quando ela estava com apenas 2 anos de idade e, em 1840, seu pai se casou com Sarah Denton.

Em junho de 1837, o élder Heber C. Kimball (1801–1868), do Quórum dos Doze Apóstolos, e outros líderes da Igreja estavam na Inglaterra fazendo o trabalho missionário. Entre os muitos conversos ensinados por esses missionários estava uma família que deu aos Moulton um exemplar do folheto *A Voice of Warning* [Uma Voz de Advertência], do élder Parley P. Pratt (1807–1857), do Quórum dos Doze Apóstolos. Depois de ler o folheto, Thomas e Sarah foram convertidos e batizados em 29 de dezembro de 1841. Naquela época, a família deles consistia de apenas duas filhas: Sarah Elizabeth, com 4 anos de idade, e Mary Ann, com 7 meses.

O espírito de coligação era forte no coração dos conversos da Europa. O grande desejo da família era imigrar para a América, onde poderiam se juntar à maioria dos santos. Como muitos outros, os Moulton não tinham dinheiro suficiente para realizar seu desejo. Mas sua resolução era forte e eles começaram a economizar em um jarro de frutas.

Fundo Perpétuo de Emigração

Em 1849, o presidente Brigham Young (1801–1877) criou o Fundo Perpétuo de Emigração para ajudar os membros da Igreja a irem para a América. Os primeiros a viajarem com a ajuda desse fundo o fizeram usando carroções, mas esse meio de transporte era lento e caro. Mesmo com a ajuda do Fundo Perpétuo de Emigração, poucos conseguiam pagar a viagem. Os líderes da Igreja estudaram o uso de carrinhos de mão e viram que os carrinhos de mão tornariam a viagem mais rápida e menos dispendiosa.

Na época a família Moulton já tinha sete filhos, mas, com as economias na jarra de frutas, a ajuda do Fundo Perpétuo de Emigração e o meio de transporte mais barato, seus sonhos de imigração se tornaram uma possibilidade. Com nove pessoas na família, foi preciso um

À esquerda: Área rural de Gloucester, Inglaterra, nos dias atuais



Élder Ronald A. Rasband

Do Quórum dos Doze Apóstolos



Monumento Nacional Scotts Bluff ao oeste de Nebraska, EUA

planejamento cuidadoso em preparação para a viagem. Para economizar ainda mais para as compras que teriam que fazer, eles comeram principalmente farinha de cevada por quase um ano.

Quando a hora da partida se aproximava, Thomas hesitou em fazer a viagem porque sua esposa estava grávida. Mas Sarah Denton Moulton era uma mulher de fé e nada poderia detê-la. Antes de deixarem a Inglaterra, um dos missionários deu a Sarah uma bênção na qual prometeu que, se fosse para Utah, ela faria a viagem em segurança sem perder um único membro de sua família — uma bênção e tanto, considerando uma família que em breve contaria com dez pessoas!

A família, que saiu de Liverpool, Inglaterra, em 1856 no navio *Thornton*, deu as boas-vindas a um menino somente três dias após o início da viagem. O *Thornton* transportava 764 santos dinamarqueses, suecos e ingleses. Eles estavam sob a direção de um missionário chamado James Grey Willie.

Seis semanas depois, o *Thornton* entrou no porto de Nova York. A família Moulton embarcou em um trem para fazer a longa viagem para o oeste. Chegaram a Iowa City, em Iowa, em junho de 1856, que era o ponto inicial das companhias de carrinhos de mão. Três dias antes de sua chegada, a companhia de carrinhos de mão do capitão Edward Bunker saiu de Iowa City levando muitos dos carrinhos disponíveis.

Problemas com os carrinhos de mão

Duas semanas depois, a companhia Willie se juntou a outra companhia de santos, sob a direção de Edward Martin. Os agentes da Igreja em Iowa City, que haviam se empenhado muito para equipar e enviar a primeira das

três companhias de carrinhos de mão, agora tinham que trabalhar freneticamente para fornecer carrinhos para um grande e inesperado grupo de pessoas. Eles tinham que construir 250 carrinhos de mão antes que esses santos pudessem continuar sua jornada.

Todo homem capaz foi colocado para trabalhar na confecção dos carrinhos, enquanto as mulheres faziam dezenas de tendas para a viagem. Muitos desses construtores amadores de carrinhos não usaram as especificações para construí-los, mas fizeram carrinhos de vários tamanhos e resistência, o que se tornaria uma dificuldade para eles. Por necessidade, a quantidade de carrinhos necessários exigiu que se usasse madeira verde, fora da estação e, em alguns casos, usaram couro cru e lata para as rodas. Cada carrinho carregava comida assim como todas as posses terrenas de muitos santos.

Não era incomum que 180 a 230 quilos de farinha, roupas de cama, utensílios de cozinha e roupas fossem carregados em cada carrinho. Somente oito quilos de bagagem pessoal por indivíduo eram permitidos em cada carrinho.

Thomas Moulton e sua família de dez pessoas foram designados para a quarta companhia de carrinhos de mão, novamente sob a direção do capitão Willie. Ela contava com mais de 400 santos, com mais pessoas idosas do que de costume. Um relatório feito em setembro daquele ano listou “404 pessoas, 6 carroções, 87 carrinhos de mão, 6 juntas de bois, 32 vacas e 5 mulas”.¹

A família Moulton recebeu dois carrinhos, um coberto e outro aberto. Thomas e a esposa puxavam o carrinho coberto. O bebê Charles e a irmã Lizzie (Sophia Elizabeth) iam nesse carrinho. Lottie (Charlotte) podia ir nele sempre



que o carrinho estivesse em um declive. James Heber, de 8 anos de idade, andava atrás deles com uma corda atada à cintura para evitar que se perdesse. O outro carrinho pesado era puxado pelas duas filhas mais velhas — Sarah Elizabeth (19) e Mary Ann (15) — e pelos irmãos William (12) e Joseph (10).

Em julho de 1856, os Moulton deram adeus a Iowa City e começaram sua jornada de 2 mil quilômetros rumo ao oeste. Depois de viajarem por 26 dias, chegaram a Winter Quarters (Florence), em Nebraska. Como de costume, passaram alguns dias ali, consertando os carrinhos e comprando suprimentos, já que não havia grandes cidades entre Winter Quarters e Salt Lake City.

O verão já estava acabando e a companhia Willie ainda não estava pronta para sair de Winter Quarters. Um conselho foi formado para decidir se eles deveriam prosseguir ou permanecer ali até a primavera. Alguns que já haviam feito o percurso os preveniram enfaticamente contra o perigo de se viajar no fim daquela estação. No entanto, o capitão Willie e muitos membros da companhia sentiram que deveriam ir porque não havia acomodações para passarem o inverno em Florence.

Diminuição das provisões

Com provisões inadequadas, os membros da companhia Willie começaram a jornada novamente em 18 de agosto, planejando reabastecer os suprimentos em Fort Laramie (ao norte da atual Laramie, Wyoming). Devido à advertência que receberam, colocaram mais um saco de 45 quilos de farinha em cada carrinho, acreditando que receberiam suprimentos enviados por Salt Lake City. Entretanto, os cocheiros dos

carroções de suprimentos, pensando que não havia mais imigrantes na trilha, voltaram para Salt Lake City no fim de setembro, antes que a companhia Willie os alcançasse.

Em Florence, os Moulton acharam aconselhável abandonar uma caixa de suprimentos porque a carga que teriam que puxar para uma família de dez pessoas era pesada demais. Até o momento, já haviam deixado bagagem no porto em Liverpool, uma caixa de roupas a bordo do navio, um baú de roupas em Nova York e outro baú de suprimentos que continha a maior parte de seus pertences em Iowa City. Mesmo no caminho, procuraram maneiras de aliviar sua carga.

É difícil para quem desfruta de todo o conforto da vida moderna imaginar os revezes diários da família Moulton e dos outros admiráveis homens e mulheres daquelas companhias de carrinhos de mão. Conseguem imaginar as mãos e os pés cheios de bolhas, os músculos doloridos, a poeira e a areia, queimaduras de sol, moscas e mosquitos, ter que espantar rebanhos de búfalos e enfrentar encontros com os índios? Conseguem imaginar cruzar os rios com as dificuldades causadas pela areia e rochas escorregadias enquanto tentavam transportar os carrinhos em águas turbulentas ou profundas? Conseguem entender a fraqueza causada pela falta de alimentação adequada?

Durante a viagem, as crianças dos Moulton entravam nos campos com sua mãe para colher trigo selvagem e acrescentar alimento aos suprimentos que diminuía rapidamente. Em certo momento, a família tinha apenas pão de cevada e uma maçã por dia para cada três pessoas.

Um pouco antes do anoitecer, em 12 de setembro, um grupo de missionários da Missão Britânica chegou



Rio Sweetwater próximo a Martin's Cove, Wyoming, EUA

ao acampamento. Eram liderados pelo élder Franklin D. Richards (1821–1899), do Quórum dos Doze Apóstolos, trisavô de minha mulher. Quando o élder Richards e os outros viram as dificuldades da companhia de carrinhos de mão, prometeram se apressar para chegar ao Vale do Lago Salgado e enviar ajuda assim que possível.

Em 30 de setembro, a companhia Willie chegou a Fort Laramie, Wyoming, 645 quilômetros a leste de Salt Lake City.

No início de outubro, com a chegada do inverno, as dificuldades se multiplicaram conforme a companhia tentava seguir adiante. As provisões estavam diminuindo drasticamente e o capitão Willie foi compelido a racionar a farinha para 425 gramas para os homens, 370 gramas para as mulheres, 250 gramas para as crianças e 140 gramas para os bebês. Em breve, eles enfrentariam ventos cortantes e tempestades de neve. Na manhã de 20 de outubro, a neve estava com dez centímetros de profundidade e as tendas e as coberturas dos carroções caíram devido ao peso. Cinco membros da companhia e alguns dos animais morreram de frio e de fome na noite anterior à tempestade, e outros cinco membros morreram nos três dias seguintes. Ao alimentar as mulheres, as crianças e os doentes primeiro, muitos dos homens mais fortes foram forçados a prosseguir sem nada para comer.

Grupos de socorro são estabelecidos

Três quilômetros abaixo de Rocky Ridge no rio Sweetwater, a companhia assentou acampamento e esperou em inanição, frio e miséria que a tempestade passasse.

Quando o grupo de Franklin D. Richards chegou a Salt Lake City imediatamente relatou ao presidente Young as condições precárias dos imigrantes. Os santos do vale não

esperavam mais imigrantes até o ano seguinte e as notícias de sua difícil situação se espalharam como rastilho de pólvora.

Dois dias depois, em 6 de outubro de 1856, a conferência geral foi realizada no antigo tabernáculo. Do púlpito, o presidente Young requisitou homens, alimento e suprimentos em carroções puxados por mulas ou cavalos para sair no dia seguinte e prestar auxílio.²

John Bennett Hawkins estava no antigo tabernáculo naquele dia e respondeu ao chamado para ajudar. Ele estava entre as centenas de pessoas em grupos de socorro que partiram de Salt Lake City. Na noite de 21 de outubro, os carroções de resgate finalmente chegaram ao acampamento Willie. Foram recebidos com alegria e gratidão pelos sobreviventes famintos e congelados. Esse foi o primeiro encontro de John Bennett Hawkins e Sarah Elizabeth Moulton, que seriam meus bisavôs.

Em 22 de outubro, alguns dos resgatadores foram ajudar outras companhias de carrinhos de mão, enquanto William H. Kimball, com os carroções restantes, voltou para Salt Lake City levando a companhia Willie.

Os que estavam muito fracos para puxar os carrinhos colocaram seus pertences nos carroções e andaram ao lado deles. Os que não conseguiam andar foram colocados nos carroções. Quando chegaram a Rocky Ridge, outra terrível tempestade de neve se abateu sobre eles. Enquanto passavam pela cordilheira, tiveram que se enrolar em cobertores e mantas para não congelarem até a morte. Cerca de 40 pessoas da companhia já haviam morrido.³

O clima estava tão frio que muitos santos sofreram queimaduras nas mãos, nos pés e no rosto enquanto cruzavam as montanhas. Uma mulher ficou cega devido ao frio.



Conseguem imaginar os Moulton, com seus oito filhos, puxando e empurrando seus dois carrinhos, lutando para atravessar a neve profunda? Um carrinho era puxado por Thomas e sua esposa com sua preciosa carga — Lottie, Lizzie e o bebê Charles — com o pequeno James Heber tropeçando e sendo puxado pela corda em sua cintura durante a viagem. O outro carrinho era puxado e empurrado por Sarah Elizabeth e os outros três filhos. Uma senhora idosa muito gentil, vendo a luta do pequeno James Heber, segurou sua mão enquanto ele caminhava atrás do carrinho. Esse ato caridoso salvou a mão direita do menino, mas sua mão esquerda, exposta ao frio abaixo de zero, congelou. Quando eles chegaram a Salt Lake City, alguns dos dedos dessa mão foram amputados.

No início da tarde de 9 de novembro, os carroções com os sofridos viajantes pararam em frente ao prédio do escritório de dízimo, onde é agora o Edifício Memorial Joseph Smith, em Salt Lake City. Muitos chegaram com pés e membros congelados. Sessenta e nove pessoas morreram na jornada. Mas a promessa feita à família Moulton na bênção que receberam na Inglaterra foi cumprida. Thomas e Sarah Denton Moulton não perderam nenhum filho.

Do resgate ao romance

A companhia foi recepcionada por centenas de cidadãos de Salt Lake que ansiosamente esperavam sua chegada e estavam prontos para ajudar com seus cuidados. A gratidão e o apreço por um dos jovens heróis que ajudaram a salvar os Moulton das garras da morte logo se transformaram em amor por parte de Sarah Elizabeth.

Em 5 de dezembro de 1856, entre votos de felicidade de seus entes queridos, Sarah Elizabeth se casou com John Bennett Hawkins, seu resgatador. Eles foram selados para o tempo e a eternidade em julho do ano seguinte na casa de investidura. Estabeleceram residência em Salt Lake City e foram abençoados com três filhos e sete filhas. Uma dessas filhas, Esther Emily, casou-se com meu avô, Charles Rasband, em 1891.

Em 24 de julho, comemoramos o Dia do Pioneiro e expressamos nossa gratidão pelos muitos pioneiros que deram tudo que tinham para edificar o Vale do Lago Salgado e muitas outras comunidades no oeste dos Estados Unidos. Também expressamos gratidão pelos santos dos últimos dias pioneiros em todo o mundo que abriram — e ainda estão abrindo — o caminho do evangelho para outros seguirem.

O que os motivou? O que os fez seguir em frente? A resposta é o testemunho do Senhor Jesus Cristo. Como bisneto de pioneiros, acrescento meu testemunho de que sua luta não foi em vão. O que eles sentiram, eu sinto. O que eles sabiam, eu sei e disso presto testemunho. ■

Mensagem proferida em uma reunião no Tabernáculo, em Salt Lake City, em 24 de julho de 2007, como parte da comemoração do Dia dos Pioneiros.

NOTAS

1. Relatório de F. D. Richards e Daniel Spencer, “Smith, Marilyn Austin, Faithful Stewards—the Life of James Gray Willie and Elizabeth Ann Pettit” [Mordomos Fieis — A Vida de James Gray Willie e Elizabeth Ann Pettit], pp. 95–120, history.LDS.org.
2. Ver Brigham Young, “Remarks” [Comentários], *Deseret News*, 15 de outubro de 1856, p. 252; ver também LeRoy R. Hafen e Ann W. Hafen, *Handcarts to Zion* [Carrinhos de Mão Rumo à Sião], 1981, pp. 120–121.
3. Desses, 19 morreram antes da chegada da companhia a Fort Laramie, inclusive 7 que morreram na viagem marítima e 4 que morreram em Iowa City. Outros 19 morreram entre Fort Laramie e o início do inverno, a maioria nos dias anteriores à chegada do resgate.

MANTER A

fé

EM MEIO AO

isolamento

Leia como alguns membros da Igreja permaneceram fiéis quando guerra, doença ou outras circunstâncias os deixaram sozinhos em seu país.

Ryan W. Saltzgeber

Departamento de História da Igreja

A maioria dos santos dos últimos dias adora em alas e ramos, onde pode “[reunir-se] frequentemente para jejuar e orar e para falar a respeito do bem-estar de suas almas” (Morôni 6:5). Mas Morôni, o profeta que escreveu essas palavras, fez alguns de seus mais duradouros trabalhos quando servia sozinho como discípulo depois da destruição de seu povo.

Em toda a história da Igreja, muitos santos dos últimos dias mantiveram a fé mesmo em circunstâncias que os deixaram isolados. Alguns, como Morôni, viveram seus dias como testemunhas e exemplos para as futuras gerações. Outros viveram para ver o dia quando novamente poderiam compartilhar sua fé.

Orar por anos para ver este dia

Františka Brodilová mal poderia vislumbrar o papel que desempenharia na história da Igreja quando um missionário bateu à sua porta em Viena, em 1913. No ano após sua conversão, a Primeira Guerra Mundial tomou

conta do Império Austro-Húngaro, os missionários voltaram para casa e muitos irmãos foram chamados para o serviço militar, deixando Františka e algumas outras irmãs para fazer as reuniões sozinhas.

Esse foi o maior contato que Františka teria com os membros da Igreja por muitos anos. Depois da guerra, o marido de Františka, František, recebeu a promessa de um cargo no novo governo da Tchecoslováquia. Quando se mudaram para Praga, Františka se tornou o único membro da Igreja no país. František faleceu alguns meses depois e Františka ficou sozinha para sustentar suas duas filhas pequenas, Frances e Jane.

Sozinha, Františka ensinou o evangelho às filhas. “Fui criada na Igreja”, disse Frances. “A igreja era nosso lar!”¹ Františka também escreveu para líderes da Igreja na Áustria pedindo que designassem missionários para a Tchecoslováquia. Os líderes da Igreja estavam relutantes porque o último missionário em Praga, 40



Františka Brodilová se filiou à Igreja em Viena em 1913 — um ano antes do início da Primeira Guerra Mundial — e não teve contato com outros membros da Igreja até 1929.

Františka estava presente quando o élder John A. Widtsoe (ambos na fileira do meio) dedicou a Tchecoslováquia para a pregação do evangelho em 1929.



anos antes, foi preso por pregar o evangelho e depois expulso da cidade. Apesar do novo governo, os líderes da Igreja temiam que pouco houvesse mudado.

Com determinação, Františka continuou a escrever cartas e orar para o estabelecimento de uma missão. Em 1928, depois de Františka ter ficado sozinha por uma década, Thomas Biesinger, de 83 anos de idade, o mesmo missionário que estivera em Praga anos antes, retornou. Parecia que o isolamento da família havia terminado. Pouco tempo depois, contudo, o declínio da saúde do élder Biesinger o forçou a sair do país.

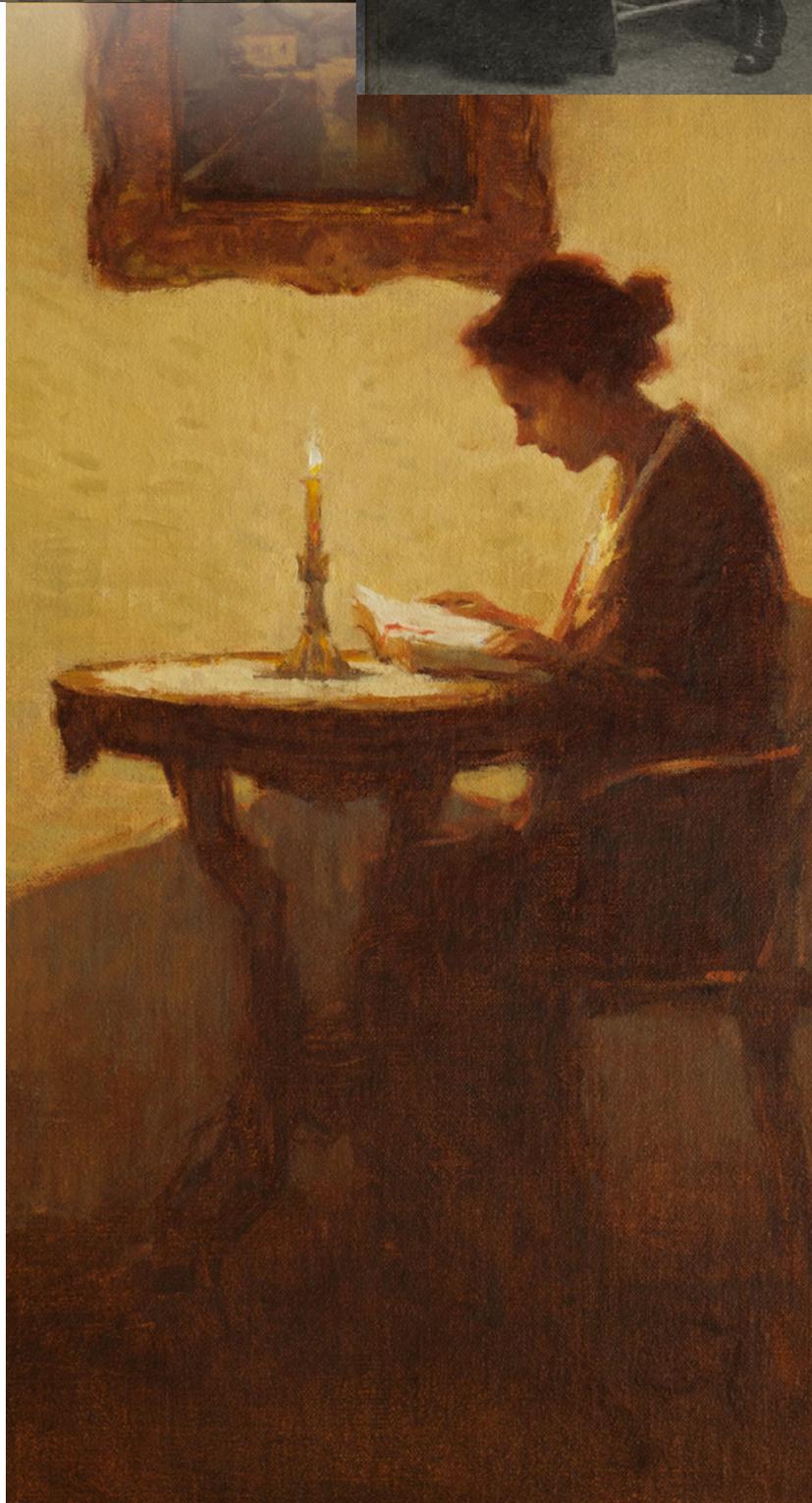
Františka ficou desanimada, mas decidiu continuar a escrever cartas para membros e líderes da Igreja no exterior. Sua perseverança foi recompensada: em 24 de julho de 1929, o élder John A. Widtsoe (1872–1952), do Quórum dos Doze Apóstolos, chegou em Praga com um grupo de missionários. Naquela noite, Františka e o grupo subiram um monte perto de Karlštejn Castle, onde o élder Widtsoe dedicou a Tchecoslováquia para a pregação do evangelho e formalmente organizou uma missão. “Poucas pessoas conseguem imaginar a alegria que sentimos”, Františka escreveu mais tarde. “Oramos por anos para a chegada desse dia.”²

Por quase seis meses, o ramo se reuniu na casa de Františka. Františka ajudou suas filhas na tradução do Livro de Mórmon para o tcheco e no estabelecimento dos alicerces para a Igreja no que hoje é a República Tcheca.

Como Františka, muitos santos dos últimos dias perseveraram em meio ao isolamento. Os homens e as mulheres a seguir estão entre os primeiros a compartilhar o evangelho e lançar as bases da Igreja em sua terra natal, o que permitiu que outros, mais tarde, usufruíssem da companhia dos santos.

O dom constante da fé verdadeira

Quando a Missão Japão foi fechada em 1924, muitos membros se sentiram perdidos e abandonados. A



Após a morte do marido, Františka criou suas duas filhas sozinha.

Como Františka, muitos santos dos últimos dias perseveraram em meio ao isolamento. Esses homens e mulheres alimentaram o fogo de sua fé, compartilharam o evangelho e edificaram a Igreja em sua terra natal.

Como élder presidente, Fujiya Nara (de terno escuro) recebeu a responsabilidade de manter contato com os membros depois que a Missão Japão foi fechada em 1924.



liderança para os cerca de 160 membros do Japão recaiu sobre Fujiya Nara, o élder presidente no país, cujo emprego no sistema ferroviário permitia que ele visitasse os membros mais distantes. Quando não conseguia fazer as visitas, Fujiya mantinha contato por meio da publicação da revista intitulada *Shuro [Folha de Palmeira]*, na qual ele compartilhava mensagens do evangelho e incentivava os santos a perseverar em meio aos anos turbulentos que se seguiram.

Depois de ser transferido para a Manchúria a trabalho e o élder presidente que o substituiu falecer repentinamente em 1937, o contato com os membros do Japão foi perdido. “Mesmo não tendo contato com Salt Lake City”, Fujiya disse, “tínhamos a certeza de que a Igreja seria reaberta [aqui]”.³

Durante a Segunda Guerra Mundial, Fujiya voltou a Tóquio, onde pregou a seus vizinhos e organizou reuniões semanais da Escola Dominical. Depois da guerra, Fujiya encontrou um anúncio colocado por Edward L. Clissold, um santo dos últimos dias que servia nas forças armadas americanas, convidando os membros da Igreja no país e entrarem em contato com ele. Fujiya imediatamente visitou Edward em seu quarto de hotel.

Quando Edward foi às reuniões dos santos dos últimos dias em Tóquio, ficou surpreso de encontrar quase cem pessoas presentes.

“Em meio a tudo isso”, Fujiya escreveu mais tarde, “o maior e mais constante dom foi conhecer e abraçar a verdadeira fé — o que significa conhecer o Pai Celestial, Jesus Cristo e o Espírito Santo”.⁴

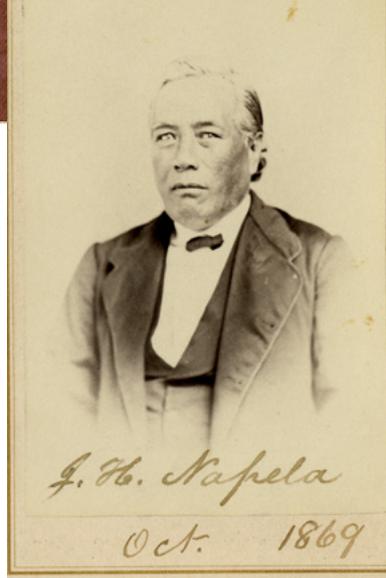
Edificar a Igreja no Havaí

Jonathan H. Napela era um juiz respeitado na ilha de Maui antes de ele e a esposa, Kiti, serem batizados em 1851. Depois que Jonathan foi forçado a renunciar à magistratura por ter se filiado à Igreja, dedicou sua energia a edificar a Igreja entre os havaianos. Jonathan ensinou o idioma ao missionário George Q. Cannon, ajudou a traduzir o Livro de Mórmon e desenvolveu o primeiro programa para treinar missionários em qualquer idioma.

Como resultado, mais de 3 mil havaianos nativos se filiaram à Igreja em três anos. “É evidente para nós que esta é a Igreja de Deus”, Jonathan escreveu. “Há muitas pessoas nestas ilhas que desenvolveram uma poderosa fé pela graça de Deus, por meio de Jesus Cristo, o Senhor, para que pudéssemos receber o Espírito Santo.”⁵

Em 1872, Kiti Napela contraiu lepra e foi obrigada a se mudar para uma colônia de leprosos em Moloka'i. Em vez de ficar entre os santos, Jonathan pediu à colônia que o aceitasse também. “Durante o

À direita: Um dos primeiros conversos do Havaí, Jonathan Napela, ajudou a traduzir o Livro de Mórmon para o havaiano. Abaixo: Wilhelm Friedrichs (segundo a partir da esquerda) e Emil Hoppe (no centro, fileira de trás) estavam presentes nos primeiros batismos na Argentina.



RETRATO DE JONATHAN NAPELA GENTILMENTE CEDIDO PELA BIBLIOTECA DE HISTÓRIA DA IGREJA E DE ARQUIVOS.

pouco tempo restante”, ele escreveu à junta de saúde, “quero estar com minha esposa”.⁶ O pedido foi aceito e Jonathan se tornou o presidente de ramo em Moloka’i. Jonathan trabalhou com o sacerdote católico local, padre Damien, para ministrar a todas as pessoas afligidas com a doença. Jonathan acabou morrendo de lepra, que contraiu na colônia.

“Alegro-me de ser um instrumento nas mãos de Deus”

As famílias Friedrichs e Hoppe eram os únicos santos dos últimos dias na Argentina quando se mudaram da Alemanha para aquele país no início dos anos 1920. Wilhelm Friedrichs e Emil Hoppe tentaram compartilhar o evangelho em seu novo país ao distribuir panfletos e convidar as pessoas para assistirem às reuniões.



“Tenho completa confiança em meu Pai Celestial de que Ele enviará amigos sinceros que aceitarão o evangelho”, Wilhelm escreveu, “porque me alegro em ser um instrumento nas mãos de Deus”.⁷

Entretanto, havia grandes desafios. As famílias viviam longe uma da outra e tinham que viajar duas horas para se reunirem. Como Emil era diácono e Wilhelm, mestre no Sacerdócio Aarônico, não podiam administrar ordenanças como o sacramento ou dar bênçãos do sacerdócio.

Em 1924, Hildegarde Hoppe deu à luz uma menina que morreu dois meses depois. Em meio ao pranto, Hildegarde perguntou como o nome do bebê poderia ser incluído nos registros da Igreja. Como resultado, Wilhelm começou a se corresponder com líderes da Igreja em Salt Lake City.

Sua persistência em lançar o alicerce da Igreja permitiu que outros, mais tarde, usufruíssem da companhia dos santos.

Para mais informações sobre esses e outros santos fiéis de todo o mundo, visite Histórias de países na seção de História da Igreja do aplicativo Biblioteca do Evangelho ou em history.LDS.org.

Quando Phillipe e Annelies Assard (abaixo) conheceram Lucien e Agathe Affoué na Costa do Marfim, os dois casais se alegraram ao saber que não estavam sozinhos na Igreja naquele país.



Um ano e meio depois, o élder Melvin J. Ballard (1873–1939), do Quórum dos Doze Apóstolos, foi enviado com outros missionários para se reunirem com o crescente grupo de conversos em Buenos Aires. Quando chegaram, em dezembro de 1925, o élder Ballard batizou vários conversos e organizou um ramo. No dia de Natal, o élder Ballard dedicou a América do Sul para o trabalho missionário e organizou a primeira missão do continente.

Levar o evangelho de volta a seu povo

Phillipe e Annelies Assard tinham uma vida confortável quando os missionários bateram à sua porta em Colônia, na Alemanha, em 1980. Rapidamente aceitaram o evangelho e se sentiram “muito abençoados”. Phillipe logo sentiu um forte desejo de voltar a seu país natal, a Costa do Marfim, para compartilhar o evangelho restaurado. “Assim, em 1986, depois de muitas orações e jejuns

com minha esposa”, Phillipe recorda, “decidi voltar à Costa do Marfim para dar o que havia recebido, para melhorar o futuro de minha família e meu povo”.⁸

Antes de deixar a Alemanha, Phillipe se aconselhou com líderes da Igreja. Apesar de não haver unidades da Igreja na Costa do Marfim, havia membros lá que se filiaram à Igreja quando estavam em outros países. A família Assard recebeu uma lista com o nome deles e no ano seguinte diligentemente escreveram para cada um. Gradualmente, a família reavivou a centelha de fé de alguns e teve permissão de começar a realizar reuniões dominicais em sua casa. Logo havia alas e ramos e, em 1997, a primeira estaca da Costa do Marfim foi organizada. ■

NOTAS

1. Frances McOmber, em Ruth McOmber Pratt, “Frantiska Vesela Brodilova”, manuscrito não publicado, 2009, p. 18.
2. Frantiska Brodilová, em Pratt, “Frantiska Vesela Brodilova”, p. 25.
3. Fujiya Nara, em Lee Benson, “Japanese Member Survives Adversity” [Os membros japoneses sobrevivem à adversidade], *Church News*, 17 de fevereiro de 1979, p. 7.
4. Fujiya Nara, em Benson, “Japanese Member Survives Adversity”, p. 7.
5. Jonathan Napela, em “Foreign Correspondence: Sandwich Islands—Minutes of Conference, Makawao, April 1st, 1852” [Correspondência estrangeira: Ilhas Sandwich — Atas de conferência, Makawao, 1º de abril de 1852], *Deseret News*, 27 de novembro de 1852, p. 4.
6. Jonathan Napela, em Fred E. Woods, “A Most Influential Mormon Islander: Jonathan Hawaii Napela” [O mais influente ilhéu mórmon: Jonathan Hawaii Napela], *The Hawaiian Journal of History* [Jornal Havaiano de História], vol. 42, 2008, p. 148.
7. Wilhelm Friedrichs, carta, 5 de março de 1924, Correspondência da Missão Argentina, Biblioteca de História da Igreja.
8. Robert L. Mercer, “Pioneiros na Costa do Marfim”, *A Liahona*, março de 1999, p. 19.



O Livro de Mórmon muda vidas

Esses conversos desenvolveram fé por meio da leitura do Livro de Mórmon.

O Livro de Mórmon é realmente uma dádiva que visa a nos levar, como filhos de Deus, ao conhecimento do evangelho verdadeiro de Jesus Cristo. Enrique Serpa Bustamante, um membro de Lima, Peru, pensa no Livro de Mórmon como cartas de um pai amoroso: “Nosso Pai Celestial escreveu ‘cartas’ por meio de profetas, dando conselhos, consolo e orientação para nosso bem e para nos abençoar em todos os momentos. Ele é imensamente sábio em Seu plano a ponto de saber como nos entregar essas cartas de amor exatamente no momento em que estamos com o coração preparado para entender Suas bênçãos e Seu evangelho”.

Aqui estão alguns testemunhos de vários conversos do mundo inteiro sobre o que lhes chamou a atenção no Livro de Mórmon quando estavam aprendendo sobre a Igreja.

Outro Testamento de Jesus Cristo

Vi um Livro de Mórmon na casa de minha sobrinha em Ibadan, na Nigéria. Por ser um ávido leitor, fiquei curioso para saber por que o livro dizia ser “outro testamento de Jesus Cristo”, por isso peguei o livro e o li.

O subtítulo “outro testamento de Jesus Cristo” abriu-me a mente para a possibilidade de um Salvador universal, em vez de apenas o Salvador dos israelitas, o que na época era uma grande preocupação para mim.

Sua visita aos nefitas e o estabelecimento de Suas leis e ordenanças em meio àquele povo me fez querer conhecer mais sobre Seu ministério.

Esse subtítulo me levou a aprender mais sobre a Igreja. Comecei a sentir o Espírito à medida que obedecia às admoestações escritas no Livro de Mórmon, como a de orar para saber a verdade por mim mesmo (ver Morôni 10:4). Agora sei que nosso Salvador vive e ama cada um de nós.

Ezekiel Akeh, Idaho, EUA

1 Néfi 8 — O fruto “mais doce de todos os que já havia provado”

Em 1 Néfi 8:11–12, Leí descreve o fruto da árvore da vida como “o mais doce de todos os que já havia provado. (...) Ele encheu-me a alma de imensa alegria”. Quando li esses versículos, senti bem forte que aquele fruto era muito especial e desejei prová-lo também.

Senti muita empatia por Leí. Pensei em como seria se eu fosse Leí e aquele fruto existisse. Eu sentiria o mesmo que ele e desejaria ardentemente que minha família comesse dele também. Isso me soa particularmente verdadeiro porque meus pais ainda não são membros da Igreja. Por isso, mesmo quando leio esses versículos agora, eles parecem me falar ao coração.

Eu sabia que aquele fruto era especial mesmo antes de saber que ele representava o amor de Deus e Seu evangelho. Mais tarde, depois que entendi o significado

do fruto, pensei em como ele é descrito de modo tão preciso nas escrituras.

As escrituras são realmente registros da verdade escritos por profetas e contêm a palavra de Deus.

Eun Jin Yeom, Gyeonggi, Coreia do Sul

Jacó 5:74 — O desejo de servir a Deus

Quando eu estava conhecendo a Igreja, li Jacó 5:74. No momento em que li essa escritura, ela ficou gravada em minha memória. Eu era um membro muito ativo de minha antiga igreja durante toda a vida e sempre tivera o desejo de servir a Deus. Eu até esperava um dia estudar filosofia e teologia para servir a Ele. Já tinha passado no exame vestibular para estudar filosofia.

Mas nunca me esquecerei de quando li aquela escritura pela primeira vez. Lembro-me de que foi uma noite depois de eu ter assistido a um serviço de adoração

SUD pela primeira vez. Durante um dos intervalos das aulas, vi no quadro de avisos a revelação recebida pelo presidente Thomas S. Monson sobre a redução da idade missionária.

Quando li Jacó 5:74 naquela noite, soube que tinha de servir a Deus. E de alguma forma, olhando para os missionários — aqueles dois rapazes que tinham a mesma idade que eu — dedicando a vida a Ele, eu soube que era assim que eu poderia fazê-lo. Na noite anterior àquele serviço de adoração na Igreja, eu tinha decidido ser batizado. Na noite seguinte, decidi servir missão. Retornei honrosamente após servir ao belo povo da Missão Filipinas Cebu Leste.

Josef Gutierrez, Batangas, Filipinas

O livro de Enos — Perdão pelos pecados

Quando li pela primeira vez o Livro de Mórmon, não sabia por onde começar. Estava me debatendo com o perdão, principalmente para me perdoar e saber se era digna de ser perdoada. Uma das missionárias me disse que eu encontraria a resposta nas escrituras e que, se não soubesse por onde começar, eu deveria orar a esse respeito, e as escrituras de que eu precisava estariam ali. Decidi folhear ao acaso e ler onde viesse a parar — o livro de Enos, versículos 4–6. Eu soube que o Livro de Mórmon era verdadeiro naquele exato momento após ler essa escritura.

Jennifer Andreski, Califórnia, EUA

Mosias 27 — A oportunidade de mudar

Quando li pela primeira vez o Livro de Mórmon, a parte de que mais gostei estava em Mosias, quando o filho de Alma havia renunciado à Igreja e estava tentando destruí-la. Mas houve uma imensa mudança nele — ele sentiu o Espírito Santo e foi transformado numa pessoa que acreditava. Eu adorei isso porque a oportunidade de mudar deve ser dada a todos.

Maria Garcia Henrique Gonzalez, Maule, Chile





Ezekiel Akeh



Josef Gutierrez



Jennifer Andreski



Marie-Chantal Hogue



Venu Bhaskar Nakka

Mosias 27:28–29 — Felicidade e redenção

Eu era membro novo e fiquei impressionado com Mosias 27:28–29. Senti-me — e ainda me sinto — muito grata pelo fato de o Senhor ter tido misericórdia de mim e me redimido de uma vida de pecado. Antes do meu batismo, eu achava que era feliz, mas nada se compara à felicidade que passei a sentir depois de aceitar o evangelho restaurado. Nunca tinha me sentido tão confiante e segura de que um futuro brilhante estava reservado para mim.

Depois de aceitar o convite de Alma, que disse: “Vinde e sede batizados para o arrependimento, a fim de que também partilheis do fruto da árvore da vida” (Alma 5:62), senti o mesmo consolo, paz e libertação que Alma, o Filho, vivenciou, ao escrever: “Achava-me no mais escuro abismo, mas vejo agora a maravilhosa luz de Deus. Minha alma estava atormentada com um suplício eterno, mas fui resgatado; e minha alma já não sofre” (Mosias 27:29). Essa passagem me ajudou a entender que meu novo início na vida e minha recém-descoberta felicidade estavam estabelecidos sobre o reconhecimento de que Jesus Cristo é meu Salvador e Redentor. Agora me sinto infinitamente grata pelo fato de meu Salvador ter pago o preço da justiça, permitindo-me sentir, repetidas vezes, esse mesmo amor redentor a cada vez que me arrependo.

Marie-Chantal Hogue, Ontário, Canadá

O pequeno livro azul

Cresci na Índia, onde conheci os missionários e fui à Igreja pela primeira vez. Coincidiu de ser o domingo de Páscoa. Devido a meu turno de trabalho, cheguei

atrasado à igreja e assisti à classe de jovens da Escola Dominical, onde um dos missionários dava a aula. Ele citou algumas escrituras de um livro azul que eu nunca tinha visto antes e que soava como a Bíblia. Enquanto ele ensinava, experimentei um forte sentimento no coração e soube que eu também precisava ter aquele livro.

Dirigi-me a ele depois da aula e disse: “Preciso daquele livro”. Ele não pôde me dar o livro porque fazia parte de seu jogo de escrituras, mas deixou que eu o olhasse e sentisse. Vi palavras douradas gravadas na frente: “O Livro de Mórmon”. Novamente, tive o mesmo sentimento de que precisava ter aquele livro. O missionário anotou meu endereço e prometeu que me levaria um. Os missionários foram à minha casa logo depois e me presentearam com meu próprio exemplar do Livro de Mórmon. Depois, começaram a me ensinar as lições.

Naquele ano, a Páscoa trouxe uma bênção inacreditável para minha vida: o Livro de Mórmon. O pequeno livro azul tem trazido um espírito de vida à minha existência e sou muito grato pelo privilégio de aprender com ele. ■

Venu Bhaskar Nakka, Califórnia, EUA



PODEROSAS VERDADES CONTIDAS NO LIVRO DE MÓRMON

“Algo especial acontece quando um filho de Deus procura conhecer mais a respeito Dele e de Seu Filho Amado. Em nenhum

outro lugar essas verdades são ensinadas de forma mais clara e poderosa do que no Livro de Mórmon. (...)”

Meus queridos irmãos e irmãs, testifico que o Livro de Mórmon é realmente a palavra de Deus. Ele contém respostas para as dúvidas mais intrigantes da vida.”

Presidente Russell M. Nelson, “Como seria sua vida sem o Livro de Mórmon?”, *A Liahona*, novembro de 2017, pp. 61, 62.

AS BOAS PESSOAS DE ST. GEORGE

Quando eu tinha cerca de 12 anos de idade, vi um filme da Igreja que mostrava o presidente Lorenzo Snow (1814–1901) orando pelos santos dos últimos dias em St. George, Utah, EUA, que sofriam devido a uma grave seca.

“Senhor”, orou o presidente Snow, “abençoe as boas pessoas de St. George”.

Essa frase, “as boas pessoas de St. George”, deixou uma impressão duradoura em minha mente. Eu morava no Chile e tentei imaginar que tipo de santos fiéis “as boas pessoas de St. George” deviam ser. Queria conhecê-los.

Mais de 30 anos depois, em 2005, minha família e eu levamos nosso segundo filho para Provo, Utah, para se juntar ao irmão, que estudava na Universidade Brigham Young. Na noite em que chegamos, eu disse: “Quero ver as boas pessoas de St. George”.

“Mas, papai”, meu filho mais velho protestou: “St. George é longe”.

Respondi: “Olhe, papai pagou as passagens de avião. Papai está pagando a comida. Papai está pagando o combustível. Papai só quer uma coisa para si mesmo. Quer conhecer as boas pessoas de St. George!”

“Tudo bem”, disse meu filho depois de perceber que eu falava sério.

No dia seguinte, fizemos a viagem de mais de 400 quilômetros. Depois de chegar a St. George, fomos ao centro de visitantes do templo e visitamos a casa de inverno do presidente Brigham Young (1801–1877). Também fomos ao tabernáculo, onde fui convidado a falar para minha família por um minuto do mesmo púlpito onde o presidente Snow falou às “boas pessoas de St. George”. Andamos pela cidade, observando e conhecendo as pessoas. Elas pareciam santos dos últimos dias normais e fiéis.

Fiquei feliz por termos ido. Mas, quando voltamos ao Chile, percebi algo: eu já tinha visto “as boas pessoas de St. George” antes.

Devido ao meu trabalho e aos chamados na Igreja, viajei por todo o Chile. Em Calama, vi jovens adultos que se esforçavam para guardar os mandamentos. Em La Serena, vi pais dedicados que chegavam cedo com os filhos para as reuniões da Igreja. Em Antofagasta, vi santos dos últimos dias que lutavam pelo que é certo todos os dias. Em Vallenar, Copiapó, Caldera, Tocopilla e outras cidades, vi membros que se ajoelham para orar e depois seguem em frente mesmo quando as coisas não são fáceis.

Quando vejo santos dos últimos dias fiéis obedientes e que perseveram — não importa onde morem ou quais desafios enfrentem —, digo a mim mesmo: “Estas são as boas pessoas de St. George”. ■

Claudio Gonzalez, Antofagasta, Chile

Quando vejo santos dos últimos dias fiéis — não importa onde morem —, digo a mim mesmo: “Estas são as boas pessoas de St. George”.



“NA VERDADE, SOU UM DELES”

Eu acabara de me sentar no ônibus quando um homem do outro lado do corredor se virou em minha direção e disse: “Sua alma é bonita”.

Nem é preciso dizer que fiquei surpresa. Nunca haviam elogiado minha alma antes. Sem saber o que responder, somente agradei.

O homem me disse que podia dizer isso devido a seu trabalho com um grupo religioso. Eu o ouvi enquanto ele me dava conselhos sobre como manter minha alma bonita.

Quando o ônibus parou no ponto, nós dois nos levantamos para sair e ele me deu um conselho final: “Assegure-se de não ouvir os mórmons”.

Pareceu-me que o tempo parou por um momento. Aquele homem viu algo especial em meu semblante, mas não tinha ideia de que era *devido* à minha religião.

Como eu deveria responder? Para ser honesta, meu primeiro pensamento foi ficar quieta e fingir que não tinha ouvido. Fiquei preocupada porque, se dissesse a ele que eu era membro da Igreja, ele poderia responder de maneira negativa ou até grosseira.

Mas, então, uma escritura me veio à mente: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação a todo aquele que crê” (Romanos 1:16). Percebi que eu não tinha vergonha do evangelho e sabia que minha alma não poderia brilhar se eu não me manifestasse como uma testemunha. Determinada, olhei para o homem e disse: “Na verdade, sou um deles”.



Sei que minha alma não poderia brilhar para outras pessoas se eu não me erguesse como uma testemunha.

O homem me encarou e eu fiz o mesmo. Para minha surpresa, ele riu e disse que não poderia se unir à Igreja porque gostava muito de café. Eu ri também e tomamos caminhos diferentes.

Até hoje estou feliz com a escolha que fiz. Sei que pode ser difícil permanecer como membro da Igreja.

Às vezes pode até dar medo! Mas, quando ficamos ao lado de Deus, nossa alma brilha como uma luz para o mundo. ■

Abby Thorne, Utah, EUA



Continuei correndo de vez em quando no estacionamento por três anos.

CORRER PARA ENTRAR NA IGREJA

Um dia, ao procurar um lugar para correr, decidi experimentar o estacionamento de uma igreja da vizinhança. Gostei, porque era iluminada e pavimentada. Descobri que, ao correr 10 a 15 vezes em volta do edifício, conseguiria completar minha rotina de 5 quilômetros.

Continuei correndo de vez em quando no estacionamento por três anos. De tempos em tempos, eu via pessoas no estacionamento, porque às vezes eu corria durante as reuniões da Igreja e outras atividades.

Em várias ocasiões, tive a impressão de que precisava conversar com alguém sobre a Igreja, mas não tinha ideia de como fazê-lo. Certa noite, no caminho para casa depois do trabalho, decidi parar e ver se encontrava alguém ali. Quando entrei na igreja, encontrei os missionários, que estavam terminando entrevistas com o

presidente da missão. Apresentei-me e nos sentamos no saguão. Foi ali que eles me ensinaram minha primeira lição do evangelho.

Ao longo das semanas seguintes, continuei a me reunir com os missionários. Quando fui à reunião sacramental, os membros da ala me expressaram amor, aceitação, integração e incentivo. Ao pensar no que estava aprendendo, dei-me conta de que minha curiosidade sobre a Igreja tinha se desenvolvido em uma necessidade de decidir ser batizado. Senti que estava sendo inspirado pelo Espírito a fazer o que meu Pai Celestial desejava que eu fizesse, mas continuei a me debater com a decisão. Por fim, fui batizado em novembro de 2001, aos 36 anos de idade.

Minha decisão de correr no estacionamento da igreja parecia pouco significativa na época. Mas me levou

a minhas maiores bênçãos: tornar-me membro da Igreja, conhecer minha maravilhosa esposa, Jennefer, e ser selado a ela por esta vida e por toda a eternidade no Templo de San Diego Califórnia.

Então, se acontecer de ver alguém se exercitando no estacionamento de sua capela, fale com ele! Nunca se sabe — pode ser que essa pessoa venha a se tornar o mais novo membro de sua ala! ■

Daniel R. Thompson, Califórnia, EUA

O CONSELHO QUE EU NÃO QUERIA OUVIR

Quando meu marido e eu decidimos iniciar nosso próprio negócio, os primeiros três anos foram muito difíceis. Não estávamos conseguindo ter lucros e começamos a contrair dívidas. Trabalhamos arduamente, mas problemas inimagináveis fizeram daquela a época mais difícil de nossa vida.

As coisas pioraram quando minha sogra faleceu um dia após o Natal e, uma semana depois, na véspera de Ano Novo, fiquei muito doente. Naquela ocasião, estávamos sem dinheiro, tínhamos perdido nosso carro e, pior de tudo, tínhamos perdido nosso plano de saúde.

Por fim, descobriram que eu estava com um tipo agressivo de câncer que já vinha se desenvolvendo havia pelo menos cinco anos. Era muito grave e exigia cirurgia imediata. Meu tempo estava se acabando, mas não tínhamos dinheiro para o dispendioso tratamento médico de que eu precisava.

Meu marido e eu fomos falar com nosso bispo e pedir ajuda. Explicamos que era literalmente um caso de vida ou morte. O bispo ficou preocupado, mas disse que se sentiu inspirado a esperar um pouco antes de nos dar o auxílio para ver se outro caminho se abria para nós. Garantiu-nos que, se nossa fé fosse suficiente, o Senhor proveria um meio para que eu recebesse a ajuda de que necessitava.

A princípio, a resposta do bispo me deixou irada e ressentida. Senti que tanto ele quanto o Senhor me haviam abandonado. No entanto, eu tinha um testemunho do evangelho e acreditava que nosso bispo tinha sido chamado por Deus. Apesar do meu sofrimento,

orei para que o Pai Celestial me ajudasse a continuar amando, respeitando e apoiando meu bispo. Quando orei por isso, fui consolada e senti que o Senhor me ajudaria de algum modo.

Meu marido e eu prosseguimos com fé, e fiz os exames necessários e marquei minha cirurgia apesar de não termos dinheiro. Um dia antes da cirurgia, vendemos nosso negócio por um bom preço, o que nos permitiu pagar todas as minhas despesas médicas.

Ficou claro por que meu bispo tinha hesitado em ajudar. Ele agira sob inspiração para que eu tivesse uma valiosa experiência espiritual. Isso me ensinou a confiar no Salvador mesmo quando o caminho pareça frustrante e amedrontador. Sinto-me grata pelo conselho que eu não queria ouvir do meu bispo. Sei agora que Deus é um Deus de milagres e que jamais nos abandona. ■

Nome omitido, Porto Alegre, Brasil



Meu tempo estava se acabando, mas não tínhamos dinheiro para o dispendioso tratamento médico de que eu precisava.

Três jornadas pioneiras modernas

Sarah Keenan

Enquanto eu servia missão em Melbourne, Austrália, passei por uma ala formada por estudantes internacionais. Quando eles estavam aprendendo sobre os pioneiros, na Escola Dominical, fiquei me perguntando o quanto aquele assunto lhes interessaria — eram quase todos recém-conversos e nenhum deles tinha antepassados que cruzaram as planícies da América do Norte.

Para minha surpresa, muitos dos estudantes internacionais ficaram encantados com as histórias que contei. Alguns deles mencionaram como se identificaram pessoalmente com os antigos santos: tal como aqueles pioneiros, aqueles estudantes internacionais eram recém-conversos e tinham feito sacrifícios para estabelecer a Igreja no lugar em que moravam. Para alguns daqueles membros, a Igreja era pequena ou nem sequer existia em seu país de origem. Eles eram pioneiros modernos, criando um

novo legado religioso para as gerações futuras.

Aqui estão três experiências de conversos que entraram na lista de pioneiros modernos.

HONRAR MINHA FAMÍLIA DE NOVAS MANEIRAS

Nami Chan, Taoyuan, Taiwan

Minha família e muitos de meus parentes, em Taiwan, são budistas.

Quando eu era jovem, lembro-me de preparar sacrifícios para os antepassados e para muitos deuses no Ano Novo chinês e em outros feriados. Era uma tradição de família para nós, e também um meio de comemorar nossos antepassados e proporcionar paz e prosperidade para minha família.

Quando alguns de meus parentes se filiaram a uma igreja cristã sem

Três jovens adultos contam a história de como se filiaram à Igreja e criaram um legado de fé para eles mesmos e para suas respectivas famílias.

denominação definida, a princípio isso não teve impacto algum em minha família. Mas, durante o festival Ching Ming, quando adoramos os antepassados e queimamos incenso na sepultura deles, meus parentes cristãos se recusaram a participar. Disseram que estavam comprometidos a seguir os Dez Mandamentos, especialmente o “Não terás outros deuses diante de mim” (Êxodo 20:3).



Antes minha família não falava sobre nenhuma outra religião, mas, daquele dia em diante, o cristianismo passou a representar a destruição das tradições, aos olhos da minha família, e foi visto de modo negativo.

Quando eu frequentava a universidade, encontrei os missionários SUD na rua. Normalmente eu não me interessaria pelo que eles teriam a dizer, mas algumas experiências tinham preparado meu coração para receber a mensagem deles. Quando me reuni com eles, concordei em orar e ler o Livro de Mórmon, e comecei a desenvolver um testemunho pessoal do que me estava sendo ensinado. No entanto, devido aos sentimentos de meus pais contra o cristianismo, não quis lhes dizer que queria ser batizada. Muitos meses após minha primeira reunião com os missionários, finalmente contei a meus pais

que queria ser batizada e que desejava servir missão. Eles ficaram zangados, mas eu sabia que estava tomando a decisão certa.

Não tenho nenhum antepassado pioneiro, mas sinto que entendo o sacrifício deles. É difícil abandonar algumas tradições e enfrentar oposição de familiares. Mesmo agora, cinco anos após ter me filiado à Igreja e ter servido missão nesse meio tempo, minha família ainda não apoia inteiramente minha decisão, mas passaram a aceitá-la. O fato de entrar para a Igreja permitiu honrar minha família de novas maneiras, fazendo a história da família e pesquisando meus antepassados. Meu testemunho de Jesus Cristo e de Sua Expição me ajudam a resolver qualquer conflito que eu venha a ter com minha família.

ENCONTRAR ALEGRIA NO EVANGELHO

Harry Guan, Utah, EUA

Fui criado na China e me considerava cristão, a despeito do fato de nunca ter realmente ido à igreja. Estava interessado em Deus e Jesus Cristo e achava a doutrina cristã muito consoladora.

Quando me mudei para os Estados Unidos para cursar a faculdade, comecei

a frequentar uma igreja cristã ecumênica. Após alguns meses, ouvi falar de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias por intermédio de alguns amigos que estavam pensando em frequentar a Universidade Brigham Young. Perguntei a alguns alunos da igreja cristã sobre os santos dos últimos dias e fiquei surpreso quando veementemente me advertiram a ficar longe dos “mórmons”. Dei ouvidos ao conselho deles, a princípio, mas, quando estava passando os olhos pela mídia social, uma semana depois, encontrei um discurso do élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos. No discurso, ele mencionou que os membros da Igreja deveriam ser respeitosos em relação a outras religiões (ver “Faith, Family, and Religious Freedom” [Fé, família e liberdade religiosa], [LDS.org/prophets-and-apostles](https://www.LDS.org/prophets-and-apostles)). Ao ouvir o élder Holland, senti o que agora sei que é o Espírito e decidi que precisava aprender mais sobre a Igreja.

Acabei indo à igreja e posteriormente conheci os missionários. Fiquei tocado com o ensinamento

deles, principalmente o plano de salvação. Meus pais não ficaram muito felizes quando decidi ser batizado, mas aceitaram o fato de que eu tinha idade suficiente para tomar minhas próprias decisões. Quando meus avós foram me visitar nos Estados Unidos, alguns meses depois, pude ensinar o evangelho a eles. Os dois decidiram ser batizados.

O evangelho me proporcionou muita alegria e me conduziu a minha futura esposa. Ele vale todo sacrifício que tive de fazer ou que farei.

PREPARAR O CAMINHO PARA AS GERAÇÕES FUTURAS

Brooke Kinikini, Havaí, EUA

Filiei-me à Igreja quando tinha 15 anos de idade, mas já vinha frequentando a igreja e desenvolvendo minha fé e meu testemunho desde criança. Embora eu fosse o único membro em minha família,



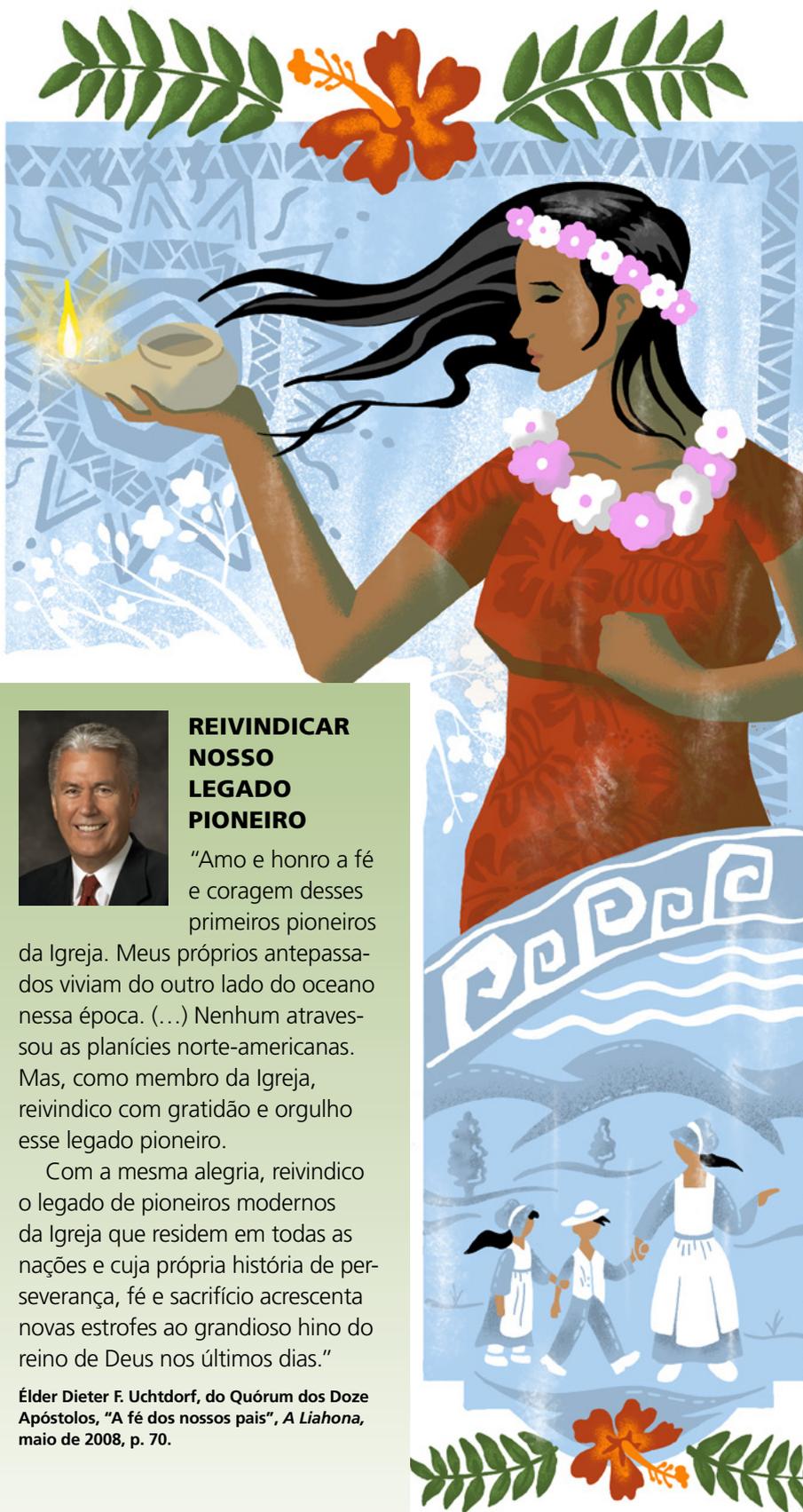
meus amigos fiéis me amaram e me orientaram pelo exemplo.

Ao contrário dos antigos pioneiros, não tive que empurrar um carrinho de mão pelas planícies congeladas. De fato, não enfrentei muitas dificuldades ao me filiar à Igreja. Sem dúvida, perdi alguns amigos e tive que ir à igreja e ao seminário sozinha. Mas, quando penso no impacto que isso teve e continua a ter sobre minha família, sei que foi uma das melhores decisões que já tomei. Minha decisão de ser batizada, de ser selada no templo e de permanecer fiel a meus convênios criou uma reação em cadeia que vai ter uma repercussão positiva na vida de meus três lindos filhos e também nas gerações futuras, para sempre.

Ser um pioneiro é preparar o caminho para outros. Gosto de pensar que uma das muitas bênçãos que recebi por ser membro fiel da Igreja é a de que posso ajudar a levar outras pessoas a Cristo. Um acontecimento aparentemente pequeno — como o batismo de uma moça de 15 anos em Maui, Havai, ou a humilde oração de um rapaz de 14 anos num bosque — pode mudar a vida das famílias do passado, do presente e do futuro.

O título de pioneiro moderno não é reservado apenas para os conversos. Ao buscarmos edificar um legado duradouro de fidelidade para as gerações futuras, todos podemos nos tornar pioneiros. ■

A autora mora em Utah, EUA.



REIVINDICAR NOSSO LEGADO PIONEIRO

“Amo e honro a fé e coragem desses primeiros pioneiros

da Igreja. Meus próprios antepassados viviam do outro lado do oceano nessa época. (...) Nenhum atravessou as planícies norte-americanas. Mas, como membro da Igreja, reivindico com gratidão e orgulho esse legado pioneiro.

Com a mesma alegria, reivindico o legado de pioneiros modernos da Igreja que residem em todas as nações e cuja própria história de perseverança, fé e sacrifício acrescenta novas estrofes ao grandioso hino do reino de Deus nos últimos dias.”

Élder Dieter F. Uchtdorf, do Quórum dos Doze Apóstolos, “A fé dos nossos pais”, *A Liahona*, maio de 2008, p. 70.

Sentindo-se desconectado?

Tente diminuir o ritmo

Charlotte Larcabal

Revistas da Igreja

Se você considera a espera numa longa fila tão assustadora quanto aranhas e cobras em sua lista de pesadelos pessoais, não é o único.

Quer estejamos de pé numa fila, parados no trânsito ou aguardando o ônibus chegar, todos odiamos esperar.

Felizmente, para nós, o tempo de espera está realmente se tornando apenas tema de pesadelos: uma possibilidade temida, mas não uma realidade diária. Vivemos na era da eliminação do tempo de espera. A tecnologia está apressando tudo de tal forma que passamos a ter um período de atenção menor do que o dos peixinhos de aquário (sim, é verdade).¹ Quando surge a necessidade de esperar, tentamos ocupar nosso tempo — geralmente ligando um dispositivo móvel.

Nada há inerentemente errado na tecnologia ou na eficiência, mas um ritmo rápido e distrações constantes podem nos impedir de alcançar algo mais importante.

Mais do que uma escritura perspicaz

Há pouco tempo, estava me sentindo espiritualmente à deriva. Não

conseguia entender. Estava indo à igreja, proferindo orações rápidas e dando uma olhada nas escrituras. Ocasionalmente tinha inspirações espirituais, mas, em geral, sentia-me de certa forma desconectada.

Ao dizer isso ao Pai Celestial em uma oração ansiosa, estas palavras me vieram à mente: “Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus” (Salmos 46:10).

Foi como se a palavra *aquietar* estivesse destacada, sublinhada e em negrito.

Eu podia estar fazendo todas as coisas certas, mas em alta velocidade e com enfoque superficial. Tinha adotado uma abordagem distraída da aplicação prática do evangelho.

Nenhuma prática religiosa poderia me proporcionar uma conexão espiritual profunda se minha participação fosse superficial e distraída. Aquela era muito mais do que uma escritura perspicaz. Para conhecer Deus e me conectar com o divino, preenchendo-me com o conhecimento pelo qual ansiava, eu precisava diminuir o ritmo e me aquietar.

Não foi fácil colocar em prática essa inspiração. Mas isso fez toda a diferença.

Nunca ninguém afirmou: “Adoro ficar esperando”. Mas talvez devêssemos dizer isso.

Agora, diminua o ritmo...

Néfi ensinou que aquele que *“procurar diligentemente* achará; e os mistérios de Deus ser-lhe-ão *desvendados* pelo poder do Espírito Santo” (1 Néfi 10:19; grifo da autora).

Vamos dividir em partes: O aprendizado dos mistérios de Deus exige uma *busca diligente*. É uma prática constante e intencional, não uma única consulta ao Google. Em seguida, os mistérios não surgem de repente, mas são *desvendados* gradualmente. Esse processo leva tempo. E esse tempo é fundamental! O *tempo* que levamos para ponderar e procurar nos dá

tempo para nos conectar ao Espírito, por cujo poder as respostas vêm.

O presidente David O. McKay (1873–1970) declarou que a meditação — a “reflexão profunda e contínua sobre um tema religioso” — é “uma das portas mais secretas e sagradas pelas quais passamos a fim de entrar na presença do Senhor”.² Ao diminuirmos o ritmo, podemos abrir a porta para a revelação. Podemos transcender os

ideais tão difundidos pelo mundo e nos conectar com o divino. *Precisamos* dessa porta. Precisamos desacelerar.

É preciso esforço

Para mim, diminuir o ritmo significou me ajoelhar e orar em voz alta. A postura reverente e minhas próprias palavras audíveis me ajudaram a me concentrar melhor. Diminuir o ritmo significou estudar usando as

escrituras em papel e fazendo anotações num caderno. Isso exige mais tempo e esforço, e esse empenho e tempo a mais são uma boa maneira de “[despertarmos] e [exercitarmos] as [nossas] faculdades”, permitindo assim que o Espírito e o desejo de conhecer a verdade “[operem] em [nós]” e que a semente do testemunho “crie raiz, para que cresça e dê frutos” (Alma 32:27, 37).

Podemos encontrar quase qualquer informação pressionando algumas teclas, mas o entendimento e a conversão espirituais exigem *tempo* e *esforço* diligente. *A maneira* pela qual você vai diminuir o ritmo e dedicar esforço ao evangelho não importa, apenas que você o faça! Quando recebemos informações de mão beijada, eliminamos grande parte de nossa participação pessoal em nosso próprio aprendizado. Eliminamos a oportunidade de nos conectar com o Espírito.

Sem dúvida podemos adotar a tecnologia e os avanços que tornam as tarefas cotidianas mais fáceis e nos permitem usar nosso tempo de modo mais eficiente. Mas não podemos nos dar ao luxo de viver de modo distraído e de pensar superficialmente, que são coisas que costumam acompanhar a tecnologia. Em vez de termos aversão à espera, podemos adotá-la como oportunidade para diminuir o ritmo, meditar e aprofundar nossa conexão com o Espírito. ■

NOTAS

1. Ver Leon Watson, “Humans Have Shorter Attention Span Than Goldfish, Thanks to Smartphones” [Os seres humanos têm menor capacidade de atenção do que peixinhos dourados, graças aos smartphones], *The Telegraph*, 15 de maio de 2015, telegraph.co.uk.
2. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: David O. McKay*, 2011, p. 35.



Como lidar com perguntas difíceis:

TRÊS PRINCÍPIOS QUE PODEM AJUDAR

Aqui está como buscar respostas de modo a fortalecer sua fé.



Já teve uma dúvida a respeito do evangelho ou da Igreja? Já se preocupou em saber se sua dúvida significava que você não tinha fé suficiente ou que seu testemunho não era forte o bastante?

As dúvidas são uma parte normal e necessária de sua jornada pela mortalidade. Podem levá-lo a

mais entendimento e fé. Contudo, sua atitude, sua motivação e o processo de buscar respostas afetam o resultado.

No seminário você aprenderá estes três princípios de domínio doutrinário que podem ajudar a guiá-lo a verdades eternas.

1. Agir com fé

Quando tiver uma dúvida, você pode agir com fé decidindo confiar em Deus e voltando-se a Ele em primeiro lugar para buscar respostas. Deus responde “linha sobre linha, preceito sobre preceito” (2 Néfi 28:30). Nos momentos de dúvida, é importante confiar no testemunho que você já tem.

“Duvidem de suas dúvidas antes de duvidarem de sua fé.”¹ — Élder Dieter F. Uchtdorf
 “Preservem o que já conquistaram e permaneçam firmes até adquirirem conhecimento adicional.”²
 — Élder Jeffrey R. Holland

2. Examinar os conceitos e as dúvidas a partir de uma perspectiva eterna

Se você refletir sobre as dúvidas no contexto do plano de salvação e dos ensinamentos do Salvador, começará a ver as coisas do modo como Deus as vê. Isso vai ajudá-lo a reexaminar suas dúvidas usando o padrão de verdade de Deus, em vez do padrão do mundo.

“Estar ancorados em verdades eternas [nos dará] a paz que vem da fé em Jesus Cristo e do conhecimento de que estamos no caminho para a vida eterna.”³ — Presidente Dallin H. Oaks

“Se vocês perceberem qualquer coisa que parece estar ofuscando a luz e a alegria do evangelho em *sua* vida, eu os convido a colocá-la em uma perspectiva do evangelho. Olhem através das lentes do evangelho e estejam atentos para não permitirem que coisas insignificantes e inconsequentes encubram sua visão eterna do grande plano de felicidade.”⁴ — Élder Gary E. Stevenson

3. Buscar mais entendimento por meio de fontes indicadas por Deus

Deus lhe deu muitas fontes para usar ao buscar a verdade. Elas incluem o Espírito Santo, as escrituras, sua família, os líderes da Igreja e até fontes de fora da Igreja que fortaleçam sua fé em Jesus Cristo. Ao procurar respostas, certifique-se de

distinguir as fontes não confiáveis das confiáveis, que vão fortalecer sua fé e propiciar a presença do Espírito Santo em sua vida.

“Ricos benefícios [advêm] de nossos esforços em ampliar, estender e aumentar nossa compreensão

da verdade. Utilizem as escrituras e as declarações dos profetas para aumentar seu conhecimento.”⁵ — Élder Richard G. Scott (1928–2015)
“Buscamos continuamente a verdade em todos os bons livros e outras fontes sadias. ‘Se houver

qualquer coisa virtuosa, amável, de boa fama ou louvável, nós a procuraremos’ (Regras de Fé 1:13).”⁶ — Élder Dieter F. Uchtdorf

Experimente por si mesmo!

Os exemplos a seguir mostram como isso pode ser feito. Observe que não são respostas completas, apenas exemplos de como um jovem pode tentar responder a essas dúvidas por si mesmo. Você deve

continuar a estudar e a orar a respeito dos tópicos sobre os quais tem dúvidas para encontrar respostas e fortalecer seu testemunho.

Por que um Pai Celestial amoroso deixa que coisas ruins aconteçam?

Aja com fé: Senti o amor de Deus por mim e sei que Ele existe, mesmo que eu não entenda por que Deus deixa que coisas ruins aconteçam.
Examine os conceitos e as dúvidas a partir de uma perspectiva do evangelho: O arbítrio é uma parte importante do plano de salvação. Deus nos enviou à Terra para passar por provações, tomar decisões e receber um corpo físico. Mas o fato de Ele permitir que as pessoas tomem decisões significa que às vezes as pessoas fazem escolhas erradas e afetam a vida de outras. E as provações que não são resultado de más escolhas — como desastres naturais, deficiências e morte — podem nos dar oportunidades de fortalecer nosso testemunho e de confiar em Deus.

Busque mais entendimento por meio de fontes indicadas por Deus:

O que as escrituras e os profetas modernos dizem sobre o motivo pelo qual passamos por coisas difíceis? “Tua adversidade e tuas aflições não durarão mais que um momento; e então, se as suportares bem, Deus te exaltará no alto” (D&C 121:7–8). O élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, disse: “Deus nunca nos deixa sozinhos nem desamparados nos desafios que enfrentamos”.⁷ Não sei o motivo de todas as minhas provações, mas creio que Jesus Cristo realizou a Expição para mim e para todos. Posso me voltar a Ele e ao Pai Celestial para ter paz, força e apoio durante minhas provações (ver Alma 7:11–12).



Como posso saber quando o Espírito Santo está falando comigo?

Aja com fé: Mesmo que às vezes seja difícil para mim saber quando estou recebendo revelação, sei por ouvir o testemunho de outras pessoas e por ler as escrituras que o Espírito vai me ajudar a entender se eu continuar tentando dar ouvidos a Seus conselhos.

Examine os conceitos e as dúvidas a partir de uma perspectiva do evangelho: Deus nos dá o dom do Espírito Santo a fim de podermos receber inspiração para fazer o que é certo. Se eu estiver recebendo uma inspiração para fazer algo bom, posso saber que veio do Espírito mesmo que pareçam ser meus próprios pensamentos.

Busque mais entendimento por meio de fontes indicadas por Deus: As escrituras ensinam: “Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão, e te dará resposta às tuas orações” (D&C 112:10). O élder David A. Bednar, do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou que “o desejo sincero e a dignidade convidam o espírito de revelação a nossa vida”.⁸ Se eu estiver tentando ser humilde e dando o melhor de mim para ser digno do Espírito, o Senhor vai ajudar a conduzir-me para as respostas. Ele vai me ensinar como o Espírito fala especificamente para mim.

Conclusão

As dúvidas não são um sinal de falta de fé. Com frequência são indício de um testemunho em crescimento. Ao agirmos com fé, examinarmos conceitos e dúvidas a partir de uma perspectiva eterna e buscarmos maior entendimento por meio de fontes indicadas por Deus, poderemos encontrar respostas úteis para nossas dúvidas e obter mais fé em Jesus Cristo. ■

NOTAS

1. Dieter F. Uchtdorf, “Venham, juntem-se a nós”, Conferência Geral de Outubro de 2013.
2. Jeffrey R. Holland, “Eu creio, Senhor”, Conferência Geral de Abril de 2013.
3. Dallin H. Oaks, “Como imaginou em seu coração”, devocional do Sistema Educacional da Igreja para jovens adultos, 8 de fevereiro de 2013, LDS.org/prophets-and-apostles.
4. Gary E. Stevenson, “Eclipse espiritual”, Conferência Geral de Outubro de 2017.
5. Richard G. Scott, “Como obter conhecimento espiritual”, Conferência Geral de Outubro de 1993.
6. Dieter F. Uchtdorf, “O que é a verdade?”, devocional do Sistema Educacional da Igreja para jovens adultos, 13 de janeiro de 2013, broadcasts.LDS.org.
7. Jeffrey R. Holland, “O ministério de anjos”, Conferência Geral de Outubro de 2008.
8. David A. Bednar, “O espírito de revelação”, Conferência Geral de Abril de 2011.

VEJA COMO ISSO FUNCIONA

Assista ao vídeo “A História de Madison” para ver uma jovem passar por esse processo a fim de encontrar respostas para suas próprias dúvidas. Acesse [LDS.org/go/71853](https://www.LDS.org/go/71853).



*Como eu conseguiria
cuidar de alguém com
uma atitude tão difícil?*

QUANDO FOI DIFÍCIL SERVIR

Lyka T. Valdez

Uma das coisas mais desafiadoras que já venci foi minha atitude de “não me importo”. Se eu não gostava muito do que estava fazendo, eu era fria e impaciente com as pessoas.

Tudo isso mudou numas férias escolares em que me pediram que cuidasse de meu avô de 76 anos. “Dadi”, como o chamávamos, tinha sofrido um derrame, que lhe deixara metade do corpo paralisado. Quando minha família me pediu que cuidasse dele por dois meses, eu nem sequer conseguia imaginar como o faria!

Eu tinha que acordar cedo para preparar seu desjejum, seu banho e seus remédios. Eu o ajudava a caminhar de um lado para o outro para seus exercícios diários. Como ele tinha dificuldade para se mover, eu estava ao lado dele o tempo todo, inclusive no banho e quando ia ao banheiro. Para mim, que era uma moça de 18 anos, essa era a parte mais difícil.

Além de tudo, ele era uma pessoa de difícil convívio. Não era membro da Igreja e tinha princípios diferentes dos meus. Era um homem cheio de ressentimentos, sempre gritando, nunca sorrindo e dizendo constantemente: “Estou morrendo!” Devido a essa atitude, era difícil criarmos um bom relacionamento.

A princípio, fiz de tudo para evitar minhas tarefas, mas isso não funcionou. Então, decidi mudar minha atitude e dar o melhor de mim.

Após uma semana com essa nova atitude, tornou-se uma alegria servir ao Dadi. Minha paciência aumentou e passei a entender sua aflição. À medida que eu servia a

ele, parei de pensar nele como um fardo, mas, sim, como uma oportunidade de vivenciar bons momentos com ele.

Dadi mudou também. Aquele homem carrancudo se tornou um vovô sorridente e gentil. Até passou a gostar de ouvir as músicas do site Especialmente para Jovens!

Certa noite, eu o ouvi fazendo alguns barulhos, por isso fui até seu quarto ver o que ele estava fazendo. Ele estava orando pela primeira vez. Sinto-me inspirada todos os dias por essa mudança.

Agora estou de volta na faculdade, mas ainda vou visitar Dadi com minha família duas vezes por mês. Comemos juntos e cantamos para ele. Sua saúde piorou, por isso agora o auxílio mais poderoso que posso oferecer são orações em favor dele.

Sinto-me grata pela oportunidade de ter cuidado de Dadi porque isso me ajudou a ver o que sou capaz de oferecer. O amor é uma coisa muito poderosa — abrandou tanto o meu coração quanto o de Dadi. Aprendi o significado do sacrifício e da compaixão. Verdadeiramente, a caridade ilumina todos os corações! ■

A autora mora em Santiago, Filipinas.



SERVIR À SUA FAMÍLIA

“Comecem servindo em sua casa e em sua própria família. Esses são os relacionamentos que podem ser eternos. Mesmo se, ou talvez especialmente se, a situação de sua família não for perfeita, vocês podem encontrar maneiras de servir, elevar e fortalecer. Comecem de onde estão, amem seus familiares como eles são e se preparem para a família que esperam ter no futuro.”

Bonnie L. Oscarson, presidente geral das Moças, “As necessidades diante de nós”, Conferência Geral de Outubro de 2017.



PREPARAÇÃO DO DISCURSO

1. USE ESCRITURAS E ENSINAMENTOS DOS PROFETAS MODERNOS (VER D&C 52:9).

Esse é o ponto central de seu discurso. Afinal de contas, este é um dos principais motivos pelos quais estamos na Igreja: ensinar e aprender o evangelho de Jesus Cristo. Você pode estudar seu tópico com a ajuda do Guia para Estudo das Escrituras (em scriptures.LDS.org) e dos discursos da conferência geral (pesquise por tópico em gc.LDS.org). Certifique-se de entender as escrituras e citações que está planejando usar em seu discurso. Se precisar de ajuda, peça a seus pais ou aos líderes da Igreja.

2. CONVIDE O ESPÍRITO. Sempre é uma boa ideia orar e se preparar previamente para ter o Espírito com você ao discursar. O Espírito não apenas proporciona tranquilidade para seu nervosismo, mas também testifica da verdade (ver D&C 42:14). Propicie a presença do Espírito em sua reunião sacramental prestando testemunho do que você acredita ser verdade.

3. PENSE NUMA HISTÓRIA PESSOAL. Uma das melhores maneiras de se conectar com as pessoas é por meio de histórias. Gostamos de ouvir as experiências dos outros e de saber como é a vida deles. Por isso, tente pensar numa experiência interessante, singular ou desafiadora que você teve e que se relaciona com o princípio do evangelho que você foi designado a abordar. O que você aprendeu com essa experiência? Como isso o ajudou? Essa é uma excelente maneira de iniciar seu discurso caso esteja tendo dificuldade em saber como começar.

4. PRATIQUE, PRATIQUE, PRATIQUE!

Depois de redigir seu discurso, você deve praticar, proferindo-o em voz alta para você mesmo e depois diante de familiares ou amigos. Você vai descobrir se seu discurso está dentro do tempo que lhe foi dado e se há partes que você precisa deixar mais claras. Se o bispo permitir, você pode até tentar ir à capela mais cedo para repassar seu discurso no púlpito!

SETE

DICAS para FAZER UM DISCURSO

Vai discursar em breve na reunião sacramental? Experimente estas dicas.

Sarah Hanson



Não sei se acontece com todos, mas, quando sou designada a fazer um discurso na reunião sacramental, sinto-me bastante nervosa — não em relação a redigir o discurso, mas, sim, em *fazer* o discurso. Sempre me preocupo: “E se eu for muito entediante? E se eu me esquecer de dizer algo? E se eu me confundir no uso de uma palavra?”

Já se sentiu assim? (Espero não ser a única.) Caso isso aconteça com você, não é o fim do mundo! Experimente estas sete dicas para melhorar seus dons de oratória e fazer um discurso cativante.

APRESENTAÇÃO DO DISCURSO



5. NÃO COMECE O DISCURSO DIZENDO: “EU NÃO QUERIA ESTAR AQUI”.

Essa introdução pode ter vários formatos, mas a maioria dos ouvintes a reconhece de imediato. Geralmente é algo assim: “Quando o bispo me telefonou para pedir que eu fizesse um discurso, tentei pensar em alguma desculpa para me livrar da responsabilidade”. A maioria dos membros da Igreja sente empatia ao ver alguém pouco à vontade para fazer um discurso, mas, quando você basicamente diz “Não quero estar aqui”, as pessoas podem ouvir isso como “Por favor, não prestem atenção no que vou dizer”. É melhor eliminar completamente essa introdução – seja entusiasmado em relação a seu tópico!

6. FALE CLARAMENTE.

Não é incomum que as pessoas falem rápido ou baixo demais por causa do nervosismo. Eu me identifico totalmente com isso! Mas é importante falar claramente ao fazer um discurso para que a congregação consiga entendê-lo. Faça um esforço consciente para desacelerar, pronuncie bem as palavras e projete sua voz (sim, mesmo com um microfone é possível falar baixo demais). As pessoas querem ouvir o que você tem a dizer!

7. MANTENHA O ROSTO ERGUIDO.

O contato visual é uma parte muito importante da boa comunicação. Ele mostra que você está sinceramente concentrado na conversa e que investiu muito nela. Você definitivamente não precisa fazer contato visual com todas as pessoas da congregação ao discursar, mas, se dirigir com frequência o olhar para a frente e para o fundo do salão, vai ser um orador bem mais interessante. Não fique com os olhos grudados em suas anotações! Seus ouvintes querem ver seu sorriso, e não o topo da sua cabeça.

Mesmo com essas sete dicas, pode ser que você ainda tropece numa palavra ou perceba alguém dormindo na terceira fileira. Mas será que isso significa que você é um péssimo orador? É claro que não!

Quando saímos um pouco de nossa zona de conforto, é normal nos sentir nervosos e cometer pequenos erros. Mas, desde que se esforce ao máximo e propicie a presença do Espírito, não vai importar caso você gagueje um pouco ou se esqueça de dizer algo. Você está realizando a obra de Deus e ajudando Seus filhos a aprender mais a respeito do evangelho!

Se você ensinar as coisas em que acredita e testificar delas, tudo sairá às mil maravilhas. ■

A autora mora em Utah, EUA.

O que fazemos no templo?

O templo é um lugar sagrado onde podemos nos sentir mais perto de nosso Pai Celestial e de Jesus Cristo. No templo, aprendemos verdades importantes, participamos de ordenanças do sacerdócio (cerimônias sagradas) e fazemos convênios (promessas sagradas) com Deus que nos preparam para retornar à Sua presença.

Podemos receber ordenanças do templo para nós mesmos e também para nossos antepassados. Por exemplo, os jovens podem participar de batismos em favor de seus antepassados e de outras pessoas que não tiveram a oportunidade de ser batizadas pela devida autoridade quando estavam vivas. Para os adultos, outras ordenanças do templo incluem a investidura e os selamentos (como o casamento no templo).



Batismo e confirmação por nossos antepassados

O batismo e a confirmação são essenciais para a salvação de todas as pessoas responsáveis que viveram na Terra (ver João 3:5). Entretanto, muitas pessoas morreram sem ter tido a oportunidade de ouvir o evangelho nem de receber essas ordenanças. Por meio da graça e misericórdia de Jesus Cristo, foi preparado um meio para que todos recebam essas bênçãos. Nos templos, os membros dignos da Igreja podem realizar batismos em favor daqueles que já faleceram. No mundo espiritual, o evangelho é pregado (ver D&C 138), e aqueles que o ouvirem podem decidir aceitá-lo, e as ordenanças podem ser realizadas em favor deles.

COMO VOCÊ ESTÁ SE PREPARANDO?

Como o cumprimento de seus convênios batismais o ajuda a se preparar para receber as ordenanças do templo?

.....

.....

.....

O que mais você precisa fazer para estar pronto para receber as ordenanças do templo?

.....

.....

.....

Sua recomendação para o templo está atualizada? Se não tiver uma recomendação, pode marcar uma entrevista com seu bispo ou presidente do ramo.

.....



Para aprender mais sobre a ida ao templo pela primeira vez, acesse “Por dentro dos templos” em [LDS.org/temples](https://www.LDS.org/temples).



O TEMPLO: UM SÍMBOLO DE NOSSA FÉ

“Cada templo é um símbolo de nossa fé em Deus e um testemunho de nossa fé na vida após a morte. O templo é o objetivo de cada atividade, cada lição e cada passo progressivo na Igreja. Todo o nosso empenho para proclamar o evangelho, aperfeiçoar os santos e redimir os mortos leva ao santo templo.”

Presidente Russell M. Nelson, “Preparar-se para as bênçãos do templo”, *A Liahona*, outubro de 2010, p. 41.

Investidura

A palavra *investidura* significa “dádiva”. A investidura do templo é uma dádiva de Deus, por meio da qual Ele confere bênçãos especiais a você, incluindo “poder do alto” (D&C 95:8).

Ao se filiar à Igreja, você recebeu duas ordenanças — o batismo e a confirmação. A investidura, da mesma forma, é recebida em duas etapas. Primeiro, você recebe a ordenança iniciatória, na qual você é simbólica e recatadamente “lavado” para se tornar limpo e recebe bênçãos especiais referentes a sua herança divina e seu potencial eterno. Na segunda parte, você recebe o restante de sua investidura ao aprender mais sobre o plano de salvação, incluindo a Criação, nosso propósito na Terra e a missão e a Expição de Jesus Cristo.

Durante a investidura, fazemos promessas solenes de obedecer a Deus, seguir Jesus Cristo, ser moralmente castos e ajudar a edificar o reino de Deus. Se guardarmos nossos convênios, temos a promessa de receber todas as bênçãos eternas de Deus.

Selamentos

A família é o ponto central do plano de Deus para nossa felicidade. A união da família para sempre é a bênção suprema que pode ser recebida no templo por meio da autoridade de selamento do sacerdote — a mesma autoridade que Jesus explicou a Seus apóstolos (ver Mateus 16:19). Os selamentos no templo permitem que marido e mulher, e pais e filhos estejam unidos para sempre mediante sua fidelidade a seus convênios. ■

Um caso de **DEPRESSÃO**

Eu sabia que devia amar o Dia do Senhor, mas não sabia como.

Alyssa Nielsen

As escrituras dizem que o Dia do Senhor é um dia santo, um dia alegre e deleitoso, um dia de repouso, um dia para comemorar.¹ Mas, há alguns anos, quando eu estava no fim da adolescência, achava os domingos horríveis. Em vez de paz, sentia estresse. Em vez de alegria, sentia tristeza. Em vez de ter esperança, sentia-me culpada. Eu era um caso grave de depressão dominical.

Toda manhã de domingo, depois de passar um tempo constrangedoramente longo escondendo-me debaixo das cobertas, finalmente eu admitia que era de fato domingo e me vestia

para ir à igreja. Na igreja, eu repasava na mente a semana anterior. Durante o sacramento, eu computava todas as minhas falhas, nunca terminando antes de o primeiro orador se levantar. O restante das reuniões se tornava uma batalha para conter as lágrimas à medida que o sentimento de culpa se intensificava, somado ao remorso de eu estar me sentindo tão mal na Igreja.

A tarde era bem parecida. Eu me sentia culpada pelas escolhas passadas, estressada com as escolhas futuras e triste pela situação atual. Sem as atividades escolares

e extracurriculares para me distrair, eu passava o tempo mergulhada em pensamentos negativos.

Depois de ouvir, ler e reler o discurso do presidente Russell M. Nelson, proferido na Conferência Geral de Outubro de 2015, sobre como o Dia do Senhor é um deleite, orei pedindo paz e amor pelo Dia do Senhor em lugar da tristeza que sentia então.² E a resposta veio.

Concentrar-se no Pai Celestial e em Jesus Cristo

Senti-me inspirada a mudar o enfoque em minhas falhas para o meu



DOMINICAL

relacionamento com o Pai Celestial e o Salvador. Em vez de ponderar meus fracassos, reservei um tempo para ponderar o envolvimento Deles em minha vida.

Quando surgiam pensamentos negativos, eu repetia para mim mesma o que eu sabia e no que eu acreditava em relação a Deus e a Jesus Cristo: Sou uma filha de Deus. Ele me ama. Jesus Cristo é meu Irmão, e Ele expiou por mim. Eles querem que eu seja feliz e retorne à presença Deles. O Dia do Senhor é uma dádiva de Deus.

Comecei a exercer fé nesse testemunho.

Aceitar ativamente o sacramento

A mudança de enfoque me levou a reconsiderar o modo como eu abordava o sacramento. Por muito tempo, eu tinha tratado o sacramento como um momento para me punir. Mas não é esse o propósito dele. O sacramento é uma ordenança sagrada para renovar nossos convênios. É uma chance de nos tornar limpos novamente por intermédio do poder expiatório de Jesus Cristo. Ao me concentrar na ordenança e no convênio com fé e com um coração arrependido, dei-me conta de que o

sacramento me proporcionava paz na medida em que eu aceitava a dádiva de perdão, guardava meus convênios e recebia o Espírito do Senhor (ver D&C 20:77, 79).

O fato de pensar na Expição de Cristo durante o sacramento me proporcionou outra dádiva em minha mente. Eu não apenas podia ser perdoada, mas também podia receber a cura porque meu Salvador tomou sobre Si minhas dores e enfermidades (ver Alma 7:11–12). Por meio de Sua Expição e do sacramento, eu podia encontrar paz e forças no Dia do Senhor — ou em qualquer outro dia — em vez de estresse e tristeza.

E encontrei essa paz. Meu Salvador estava ali a meu lado nos domingos e sempre!

Praticar a fé paciente

Não foi um problema que se resolveu em uma única semana. Foi uma luta, e levou tempo. “Mas, se esperamos o que não vemos, esperamo-lo com paciência” (Romanos 8:25). Continuo trabalhando no meu enfoque e orando para sentir amor pelo Dia do Senhor.

Com o tempo, realmente encontrei paz e deleite nesse dia santo, mas não posso parar aí ou voltarei a me sentir deprimida aos domingos. Toda semana exige um enfoque diligente no Salvador e no propósito do Dia do Senhor, mas sei que a promessa de paz e alegria é verdadeira. ■

A autora mora em Utah, EUA.

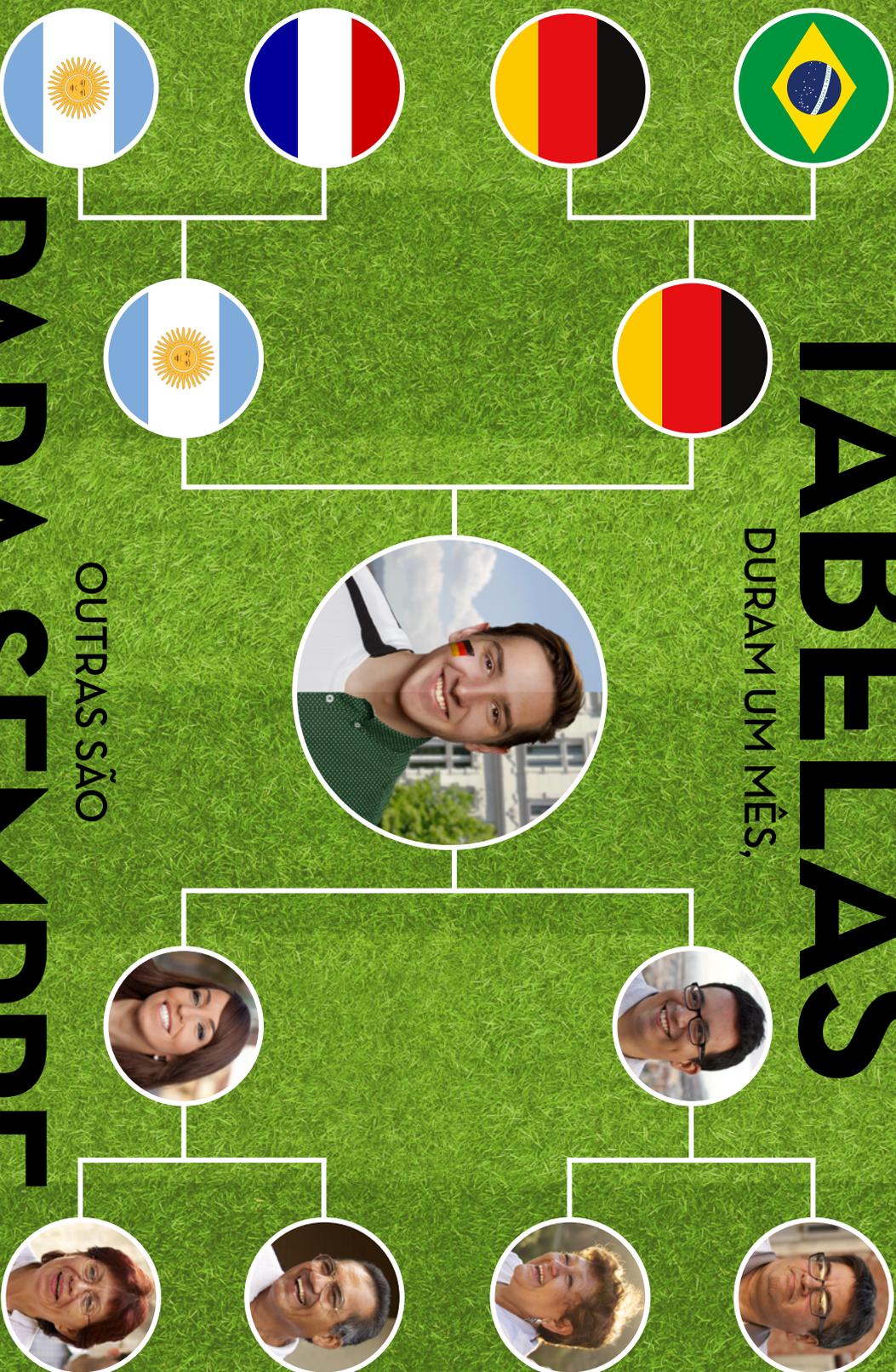
NOTAS

1. Ver Êxodo 20:11; Êxodo 31:15; Levítico 23:32; Isaías 58:13; Doutrina e Convênios 59:13.
2. Ver Russell M. Nelson, “O Dia do Senhor é delicioso”, *A Liahona*, maio de 2015, p. 129.

TABELAS

ALGUMAS

DURAM UM MÊS,



OUTRAS SÃO

PARA SEMPRE

Você pode ser digno de entrar no templo

Élder Quentin L. Cook

Do Quórum dos Doze Apóstolos

É nosso grande desejo que os membros da Igreja vivam de modo a serem dignos de uma recomendação para o templo. Peça que não vejam o templo como algo distante e talvez como um objetivo inatingível. Ao trabalharem em conjunto com o bispo, a maioria dos membros pode alcançar todos os requisitos de integridade em um período relativamente curto se tiver a determinação de se qualificar e de se arrepender das transgressões. Isso inclui estarmos dispostos a nos perdoar e a não nos concentrar em nossas imperfeições ou em nossos pecados como algo que sempre nos impede de entrar no templo sagrado.

A Expição do Salvador foi realizada por todos os filhos de Deus. Seu sacrifício redentor satisfaz as exigências da justiça para todos os que verdadeiramente se arrependem. As escrituras descrevem isso de maneira muito bela:

“Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve” (Isaías 1:18).

“E nunca mais me lembrarei dos seus pecados” (Jeremias 31:34).

Nós lhe asseguramos que viver princípios justos trará a você e à sua família felicidade, satisfação e paz. Membros, tanto adultos quanto jovens,

atestam sua dignidade ao responderem às perguntas da recomendação para o templo. O requisito essencial é aumentar nosso testemunho de Deus, o Pai; de Seu Filho, Jesus Cristo; e da Restauração de Seu evangelho e sermos ministrados pelo Espírito Santo.

Quero que saibam o quanto sinceramente desejamos que todos façam as mudanças necessárias para se tornarem dignos de entrar no templo. Em espírito de oração, analisem a situação espiritual de sua vida, busquem a orientação do Espírito e conversem com seu bispo sobre se preparar para o templo. O presidente Thomas S. Monson (1927–2018) disse: “Não há meta mais importante para alcançarem do que a de serem dignos de ir ao templo”.¹

Oro para que cada um de nós honre o Salvador e faça quaisquer mudanças necessárias para ver a nós mesmos em Seu templo sagrado. Ao fazermos isso, que realizemos Seus propósitos sagrados e preparemos a nós e a nossa família para todas as bênçãos que o Senhor e Sua Igreja podem nos conceder nesta vida e na eternidade. ■

Extraído de um discurso da Conferência Geral de Abril de 2016.

NOTA

1. Thomas S. Monson, “O templo sagrado — Um farol para o mundo”, Conferência Geral de Abril de 2011.



Nasceu em **Logan, Utah** em 8 de setembro de 1940.

De 1960 a 1962, serviu na

Missão Britânica

e o élder Jeffrey R. Holland foi um de seus companheiros.



Foi apoiado como membro do

Quórum dos Doze Apóstolos

em 6 de outubro de 2007.



Jogou no campeonato estadual de **basquete** e de **futebol americano** no Ensino Médio.

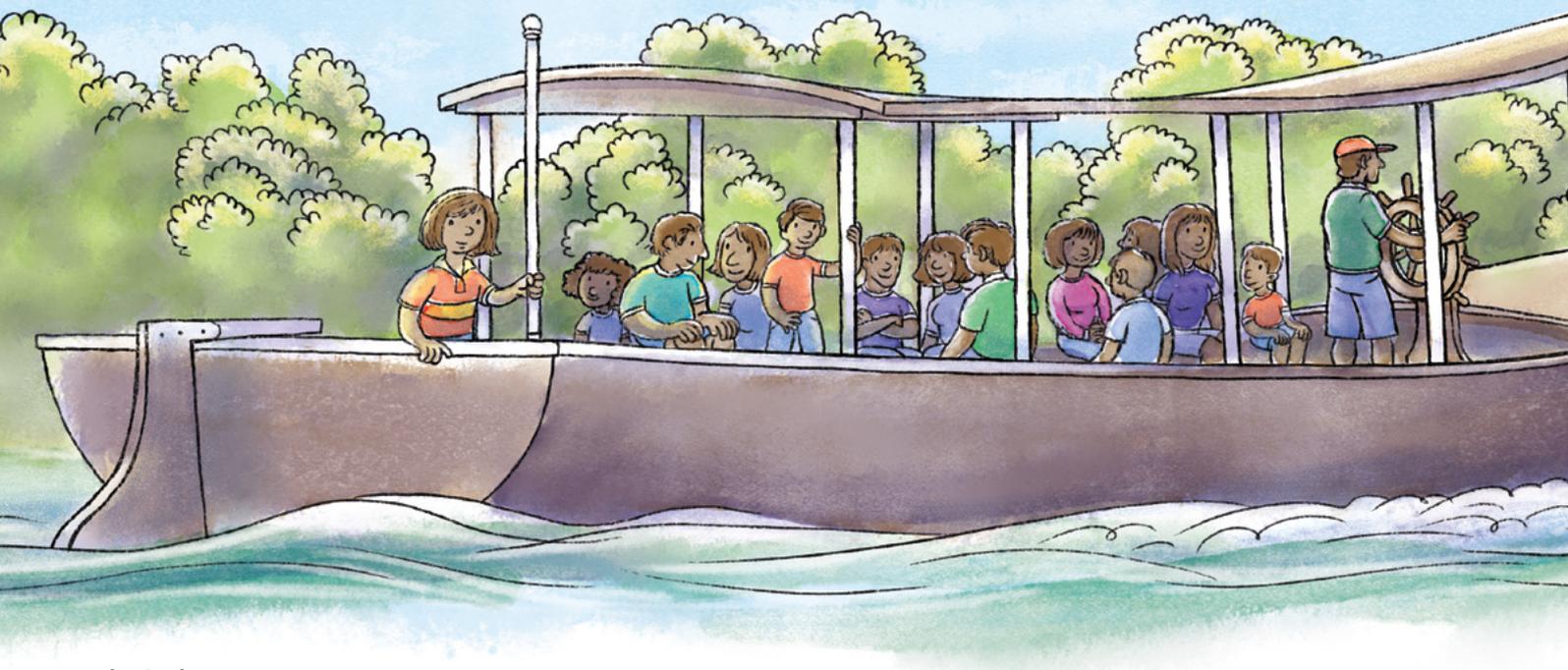
Casou-se com Mary Gaddie no **Templo de Logan Utah**, em 30 de novembro de 1962.



Tem **3 filhos** e **11 netos**.



A jornada de Isabelle



Jessica Larsen

Inspiração em uma história verdadeira

Brasil, 1992

Isabelle ficou ofuscada enquanto olhava para o céu azul profundo. Não havia nuvens à vista. Lambeu os lábios ressequidos.

Os pais estavam conversando baixinho com o presidente Santiago, o presidente da estaca. O motor do barco fazia tanto barulho que ela não conseguia ouvi-los. Mas sabia sobre o que estavam conversando. Não havia mais água potável.

Isabelle tentou se concentrar no motivo daquela viagem. Eles iam ser selados como família no templo! Lembrava-se de ter ouvido os pais falarem do belo Templo de São Paulo desde quando era menininha. A ida para lá parecia quase um conto de fadas! Afinal de contas, a família de Isabelle morava em Manaus, no meio da floresta amazônica, e o templo ficava a mais de 3 mil quilômetros dali.

Então, o presidente Santiago tinha planejado uma viagem de seis dias para chegar até lá. Mais de cem membros decidiram ir. “Será um sacrifício”, disse a *mamãe*. “Mas o sacrifício traz bênçãos.”

A princípio, a viagem foi empolgante. Eles dormiam em redes no convés do barco, cantavam hinos e liam as escrituras.

Mas, então, acabou a água potável, e a água do rio era suja demais para beber.

Isabelle sentiu a *mamãe* lhe tocar o braço. “O presidente Santiago quer reunir todos nós”, disse ela. “Vamos orar para que chova.”

Isabelle se uniu ao grupo, e a oração teve início. Quando a oração terminou, ela sentiu uma brisa gelada lhe roçar o pescoço. Correu para a borda do barco e ficou admirada. Havia nuvens cinzentas de chuva movendo-se na direção deles. Pouco depois, começou a chover! Ela abriu a boca para colher gotas de chuva na língua.

“Rápido!”, gritou a *mamãe*. “Peguem baldes, panelas — qualquer coisa!”

Isabelle agarrou uma panela e a estendeu na chuva. Ela queria coletar toda a água que conseguisse. Todos trabalharam juntos, rindo e comemorando. Em breve, estavam fazendo uma grande festa molhada! A tempestade durou 15 minutos. Foi o suficiente para coletarem toda a água de que necessitavam. Foi um milagre.

Logo o barco chegou à terra firme. Mas ainda faltavam quase 2.500 quilômetros. Todos entraram num ônibus para fazer o restante da viagem. Por vários dias, o ônibus

*A viagem seria longa e perigosa,
mas tudo valia a pena para
chegar ao templo.*



BÊNÇÃOS INESTIMÁVEIS

“As bênçãos do templo são inestimáveis.”

Presidente Thomas S. Monson (1927-2018), “Bênçãos do templo”, *A Liahona*, maio de 2015, p. 93.



sacolejou por estradas esburacadas. Uma vez, sacudiu tão forte que o para-brisa quebrou! Às vezes, eles passavam por cidades quentes e cheias de gente. Mas ao menos as estradas não eram tão esburacadas.

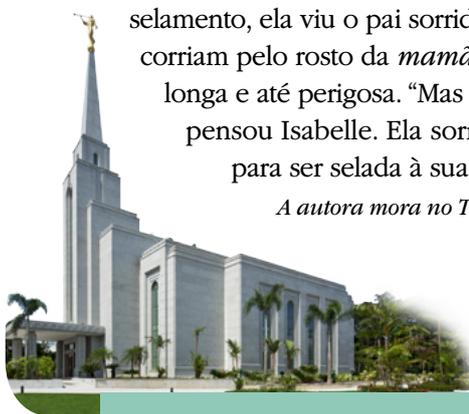
Todos ficavam muito gratos quando paravam numa vila ou cidade para comer. Eles fizeram refeições em capelas ou com membros da Igreja ao longo do caminho. Na primeira noite, chegaram tão tarde que Isabelle ficou com medo de que ninguém os estaria esperando. “Não se preocupe”, disse a *mamãe* com um sorriso cansado. “Veja!”

O presidente do ramo e os membros da Igreja estavam enfileirados ao lado da estrada. Erguiam um estandarte que dizia: “O sacrifício traz bênçãos”. Isabelle sorriu. *A mamãe* tinha razão!

Após três dias por estradas acidentadas, finalmente chegaram a São Paulo. Isabelle ficou de pé em seu banco para ver melhor a cidade, enquanto o ônibus fazia uma curva. De repente, todos no ônibus começaram a gritar de alegria. “*O templo! O templo!*” Viram a alta e fina torre do templo se erguendo entre fileiras de palmeiras. A luz do sol refletia na estátua dourada de Morôni.

Todos estavam exaustos, mas ninguém queria descansar. Eles queriam ser selados imediatamente. Quando chegou o momento para sua família ser selada, Isabelle se vestiu cuidadosamente de branco. Ao entrar na sala de selamento, ela viu o pai sorridente. Lágrimas de alegria corriam pelo rosto da *mamãe*. Sua jornada tinha sido longa e até perigosa. “Mas o sacrifício valeu a pena”, pensou Isabelle. Ela sorriu ao tomar seu lugar para ser selada à sua família para sempre. ■

A autora mora no Texas, EUA.



Em 2012, um templo foi construído em Manaus, Brasil, onde Isabelle foi criada. Nessa ocasião, Isabelle e os outros filhos já eram adultos e tinham cada um sua própria família. Muitos deles foram ver aquele belo novo templo e lembrar sua própria jornada.

Jenna Koford

Inspirado numa história verdadeira

“Uma família tenho, sim! Eles são tão bons pra mim”
(Músicas para Crianças, p. 98).

“**A**ndré! O ônibus chegou!”, chamou Nana.

André correu até a porta. Acenou para Nana, Papa e sua irmãzinha, Ana. Ana era muito jovem para ir à escola, por isso ficava em casa com a Nana e o Papa.

André gostava da escola. Gostava de brincar com os amigos no recreio. Gostava de sua professora, a dona Arlete.

Depois do recreio da manhã, a dona Arlete disse: “Na semana que vem, vamos ter um dia para trazer um dos pais para a escola. Quando seu pai ou sua mãe vier,

André não estava muito seguro em relação ao dia de levar um dos pais para a escola.

Bons avós



deve trazer algo de sua profissão para mostrar. Estamos muito animados em ouvi-los!”

O rosto de André ficou vermelho. Ele não sabia dizer nada sobre seus pais. Não se lembrava muito da mãe. Ela foi embora quando ele era bem pequeno. E André nem chegou a conhecer o pai.

André ficou ouvindo as outras crianças falarem do pai e da mãe. A mãe de Antônio servia no corpo de bombeiros, e o pai de Jessica trabalhava no zoológico. Todos esperavam que o pai dela trouxesse um macaco ou um bicho-preguiça para a classe!

“E os seus pais?”, perguntou Antônio a André.

André baixou o rosto e deu de ombros. “Moro com meus avós.”

André adorava a Nana e o Papa, mas eles não tinham empregos interessantes. Nana vendia cobertores e roupinhas de bebê. Papa tinha uma lanchonete móvel em um trailer. André não estava muito seguro em relação ao dia de levar um dos pais para a escola.

Naquela noite, André leu o primeiro capítulo do Livro de Mórmon: “Eu, Néfi, tendo nascido de bons pais...” (1 Néfi 1:1).

“Não moro com meus pais”, pensou André. “Moro só com a Nana e o Papa.”

Nesse instante, Ana entrou no quarto de André, segurando um cobertor quentinho. Mostrou para que André visse. “Foi a Nana que fez!”

“É, a Nana fez esse cobertor para você.” André deu um pequeno sorriso.

Pensou em todas as coisas boas que a Nana tinha feito por ele: preparar o desjejum antes da escola, ajudar nas lições de casa, brincar com ele e Ana. A Nana se parecia muito com uma mãe.

Depois, André pensou no Papa. O Papa lia histórias para André todas as noites. Ajudava nas lições de casa também. Além disso, tinha ensinado André a andar de bicicleta. O Papa se parecia muito com um pai.

André abriu o sorriso. Sentia-se muito grato pela Nana e pelo Papa. Ainda se sentia nervoso em levar um dos avós para a escola. Mas tudo ficaria bem. “Talvez eu não tenha bons pais”, pensou ele, “mas tenho bons avós, e isso é especial”.

No dia de levar um dos pais para a escola, André se sentou com o Papa no fundo da sala e ouviu os pais das outras crianças. A mãe de Antônio trouxe seu uniforme do corpo de bombeiros. Deixou todo mundo experimentar seu capacete. O pai de Jessica trouxe uma tartaruga do zoológico.

“Sua vez, André”, disse a dona Arlete.

André foi até a frente da sala com o Papa. Respirou fundo e disse: “Meu Papa tem uma lanchonete móvel em um trailer e vende alimentos. Conhece um monte de pessoas e trabalha muito”.

André ergueu o rosto e viu o Papa sorrindo. Depois, o Papa falou como era ter uma lanchonete móvel. Trouxe um doce para cada um dos presentes! As crianças da classe de André fizeram um monte de perguntas ao Papa sobre o trabalho dele.

André ficou feliz pela presença do Papa. Ele, o Papa, a Nana e Ana eram uma família — e eram uma boa família. ■

A autora mora em Utah, EUA



Finalmente uma
família
eterna



Jane McBride

Inspirado numa história verídica

*“Tudo quanto ligares na Terra [será] ligado no céu”
(Helamã 10: 7).*

O que significa “As famílias podem ser eternas”?, perguntou Maria. Ela mudou seu peão no tabuleiro. Maria e sua melhor amiga, Zélia, estavam disputando um jogo na sala de estar da casa de Zélia. Na parede, havia uma gravura com os dizeres: “As famílias podem ser eternas”. Maria gostou daquela frase.

“Significa que, mesmo depois que você morrer, ainda faz parte de uma família”, explicou Zélia. Baixou uma carta e moveu seu peão.

Maria olhou em volta. Parecia normal. Havia sofás, mesas, travesseiros e uma televisão. Mas a casa de Zélia parecia diferente da sua. “Você tem uma família eterna?”, perguntou Maria.

Zélia ergueu o rosto do jogo e deu um sorriso. “Tenho, sim! Minha mãe e meu pai se casaram no templo. Por isso podemos estar juntos para sempre.”

“É por isso que sua casa tem algo diferente?”, perguntou Maria.

Zélia fez uma cara de confusa. “Diferente?”

Maria não sabia explicar o sentimento que tinha na casa de Zélia. Era feliz e acolhedora. Mas parecia tolo dizer aquilo. “Esqueça”, disse ela. “Vamos continuar a jogar.”

Naquela noite, Maria não conseguiu parar de pensar na família eterna de Zélia. Ela adorava o sentimento que tinha na casa de Zélia. A família de Maria ia se mudar para Ontário, Canadá, dali a alguns dias. Ela ficou imaginando como se sentiria na nova casa.

“Mãe, tudo parece tão feliz na casa de Zélia”, disse Maria, enquanto a mãe a colocava na cama. “Quero me sentir assim em nossa nova casa.” Maria pensou no quanto amava a mãe, o pai e seus irmãozinhos. “Quero que nossa família seja eterna também.”

A mãe ficou ouvindo, calada. Depois, ela disse: “Eu também”.

No dia seguinte, a mãe ligou para a mãe de Zélia. Ficou sabendo que a família de Zélia frequentava a

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

“Quero ir para essa igreja”, disse Maria aos pais, enquanto faziam as malas. A casa estava quase vazia.

“A mãe de Zélia disse que poderia nos ajudar a encontrar uma capela da igreja”, disse o pai enquanto fechava uma caixa com fita adesiva.

Maria sorriu e sentiu um calorzinho na barriga. Talvez a nova casa viesse a ser tão acolhedora e feliz quanto a de Zélia.

Depois que se estabeleceram na nova casa, a família de Maria começou a ir à igreja. As pessoas ali foram muito atenciosas. Todos se chamavam de “irmão” ou “irmã”. Maria foi para a Primária com seus irmãozinhos. Adorou os hinos e a leitura das escrituras.

Pouco tempo depois, duas jovens foram à casa de Maria. Elas se chamavam suster Justin e suster Ramos, e eram missionárias. Contaram à família de Maria a respeito do Pai Celestial, de Jesus e do Livro de Mórmon.

Maria adorou conhecer o evangelho. Até seus irmãos ficaram ouvindo quietinhos!

Maria falou da casa de Zélia para a suster Ramos e a suster Justin. “Quero uma família eterna como a de Zélia.”

“O Pai Celestial quer que todos tenhamos uma família eterna”, disse a suster Ramos, com um grande sorriso. “Ele deseja que sejamos felizes.”

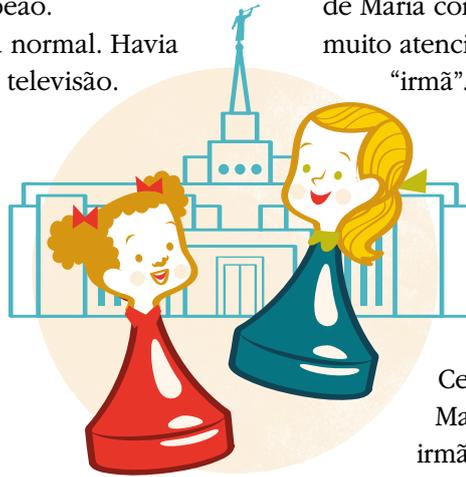
Em pouco tempo, a família de Maria decidiu ser batizada.

Zélia e sua família viajaram de carro até Ontário para assistir aos batismos. Um ano depois, eles voltaram. Dessa vez era porque Maria e sua família iam ser selados no templo!

No dia do selamento, Maria ficou fora do templo com a família, vestida de branco. Estavam todos muito sorridentes. Maria sentiu um calorzinho e uma paz dentro do peito. “Somos uma família eterna agora!”, exclamou ela, com alegria.

“Isso mesmo”, respondeu o pai. “Somos uma família eterna.” ■

A autora mora no Colorado, EUA.



Um amigo e missionário

Olá!

Meu nome é Juan Bautista e sou da Argentina.

Faço a minha luz brilhar compartilhando o evangelho.



Melhores amigos

Meu melhor amigo Facundo e eu nos conhecemos desde que tínhamos 5 anos. Adoramos futebol! Sempre o convido para as atividades da Igreja.





A primeira pergunta de Facundo

Uma vez, quando Facundo estava jantando conosco, perguntou: “Por que sua família sempre ora?” Respondi que era porque o Pai Celestial nos abençoa, e é assim que agradecemos a Ele. Ele ficou admirado!



Noite familiar

Facundo veio a nossa noite familiar quando meu irmão Benjamin estava se preparando para o batismo. Facundo sentiu o Espírito e perguntou se poderia ser batizado também! Meu pai conversou com os pais de Facundo.

Os missionários ensinaram a família dele. Então, Facundo e a irmã dele, Augustine, foram ambos batizados! Os pais vêm à Igreja, mas ainda não foram batizados.



A segunda pergunta de Facundo

Facundo perguntou à minha mãe se ele chegaria a saber tanto sobre Deus quanto eu. Ela sorriu e garantiu que, se ele estudasse as escrituras e orasse, poderia aprender ainda mais!



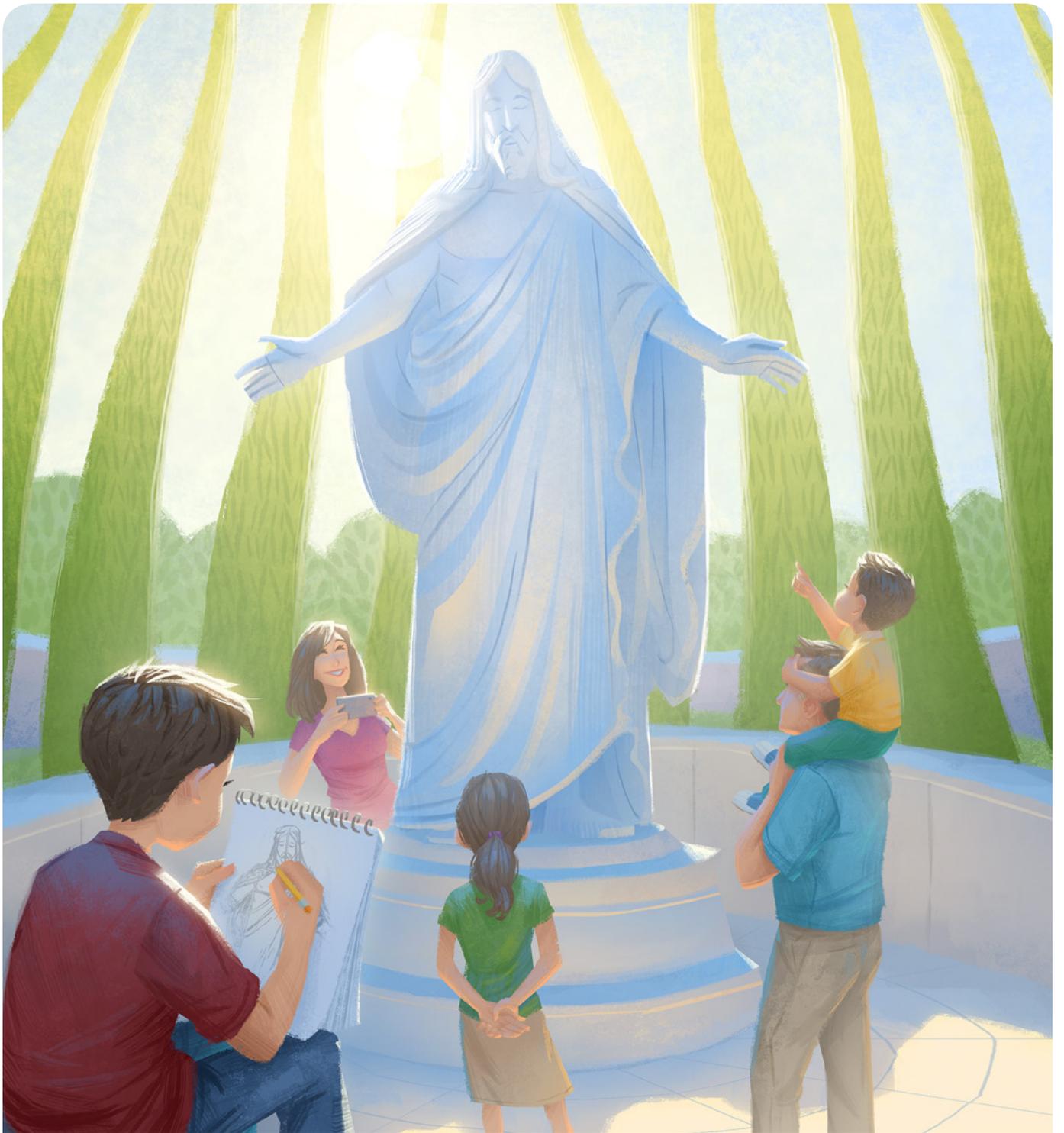
COMO VOCÊ PODE BRILHAR?

- Convide um amigo para uma atividade na Igreja ou para uma noite familiar.
- Seja um bom exemplo de bondade e amor.
- Ore pedindo ajuda e inspiração.

ENVIE-NOS UMA ESTRELA!



Jesus pediu que fizessemos “[resplandecer] a [nossa] luz diante dos homens” (Mateus 5:16). Como você pode fazer sua luz brilhar? Recorte uma estrela e escreva sua história nela. Peça a seu pai ou à sua mãe que envie por e-mail uma fotografia de sua estrela, com a permissão deles, para liahona@LDSchurch.org.



“Tenho fé em Jesus Cristo e tenho testemunho Dele e de Seu papel como nosso Salvador e Redentor.”

Élder Gary E. Stevenson
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Extraído de “A Gospel Perspective” [Uma perspectiva do evangelho], devocional da Universidade Brigham Young–Havaí, 8 de setembro de 2017, devotional.byuh.edu.

Clube de Leitura

do Livro de
Mórmon

ENTRE PARA O CLUBE LENDO O LIVRO DE MÓRMON!

Você pode ler sozinho, com sua família ou com um amigo. Depois, envie-nos uma foto de você lendo o Livro de Mórmon e nos conte algo que aprendeu ou sua história favorita do Livro de Mórmon. Envie-a para liahona.LDS.org (clique em “Enviar seu trabalho”).



Escritura deste mês: **Helamã 5:12**

“Lembrai-vos, lembrai-vos de que é sobre a rocha de nosso Redentor, que é Cristo, o Filho de Deus, que deveis construir os vossos alicerces.”



Minha família está lendo o Livro de Mórmon. Às vezes, encenamos as histórias. É muito divertido. Aprendo palavras e coisas novas todos os dias. Quando faço essas coisas, isso me ajuda a prestar mais atenção na reunião sacramental e na Primária. Também me ajuda a ficar mais perto da minha família.

Amaron I., 7 anos, Phnom Penh, Camboja



Adoro ler o Livro de Mórmon desde que os missionários nos mostraram esse livro. Minha história favorita está no livro de Mosias, quando o rei Benjamim guiou seu povo com sua fé. Quero ser fiel e obediente ao que meus pais me pedem.

Janice S., 10 anos, Iloilo, Filipinas

NOSSA PÁGINA



"A Primeira Visão", Alana L., 7 anos, São Paulo, Brasil



Marco Z., 9 anos, Lima, Peru



Sinto-me muito feliz por ter sido batizado na verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Sei que o Livro de Mórmon é verdadeiro e adoro lê-lo todos os dias. Isso me torna um irmão mais velho mais responsável para meus irmãos.

Andrei L., 10 anos, Iloilo, Filipinas



Harada K., 8 anos, Yokohama, Japão

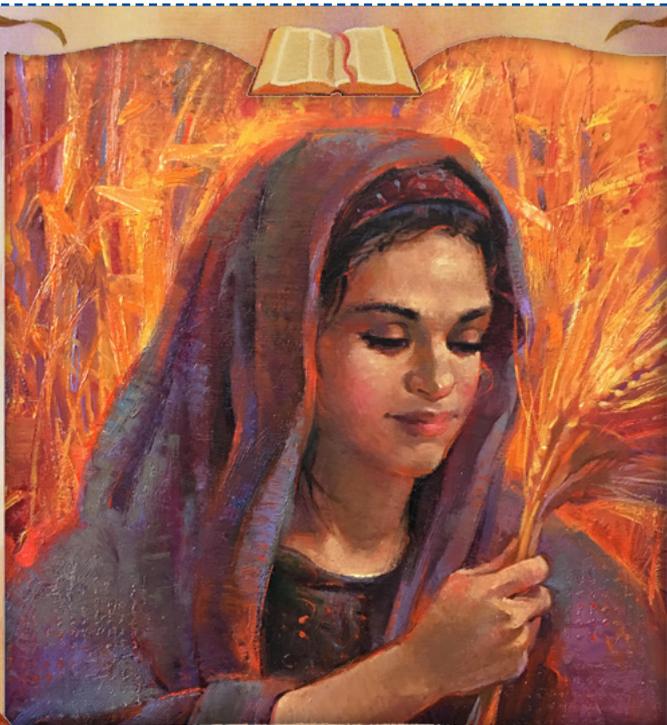
Rute era uma amiga leal

Uma mulher chamada Noemi morava com seus dois filhos e as respectivas esposas. Quando os dois filhos morreram, Noemi disse às esposas que elas podiam voltar a morar com a família delas. Mas uma das esposas, Rute, era muito leal. Ela decidiu ficar e ajudar a cuidar de Noemi. Rute foi colher trigo num campo vizinho. O proprietário ficou sabendo que Rute era uma pessoa muito boa. Ele foi bondoso com Rute. Rute decidiu se casar com ele. Rute e Noemi continuaram sendo boas amigas, e Noemi ajudou a cuidar do filho de Rute. Anos depois, Jesus nasceu nessa linhagem familiar. Isso significa que Rute foi uma das antepassadas de Jesus!

Leia a respeito de Rute em Rute 1-4.



"Ruth was kind and loving" [Rute foi bondosa e amorosa], de Kylee Q., 8 anos, Virgínia, EUA



RUTE

Rute decidiu ser uma amiga leal, e eu posso fazer o mesmo!

- Decore Rute 1:16.
- Ser leal significa apoiar alguém mesmo quando é difícil. Escreva em seu diário sobre uma ocasião em que alguém foi leal a você.
- Faça amizade com alguém esta semana. Aprenda três coisas interessantes a respeito dessa pessoa!
- Posso ser um bom amigo fazendo o seguinte:

Ana e Samuel

Kim Webb Reid

Ana estava muito triste por não ter filhos. Ela orou no templo. Prometeu que, se tivesse um filho, ela o criaria para que servisse a Deus.



Ana e o marido tiveram um bebê! Ana lhe deu o nome de Samuel. Ela sabia que Deus tinha respondido a sua oração.



Enquanto Samuel crescia, Ana cumpriu sua promessa. Ela pediu a Eli, o sacerdote do templo, que ensinasse Samuel a servir a Deus. Eli ajudou a cuidar de Samuel.

Certa noite, quando Samuel estava deitado em sua cama, ouviu uma voz. Perguntou se Eli o havia chamado. Eli disse que Deus estava tentando falar com Samuel. Na próxima vez em que Samuel ouviu a voz, prestou atenção. E assim, Deus falou com Samuel. Samuel ouviu a Deus e O seguiu.





Posso aprender a respeito de Deus e seguir Seus mandamentos! ■

Extraído de 1 Samuel 1-3.

Posso compartilhar com os outros



ILUSTRAÇÃO: APRYLSTOTT



Presidente Ezra Taft Benson (1899–1994)

O LIVRO DE MÓRMON PROPORCIONA ABUNDÂNCIA

Existe um poder no livro que começa a fluir para nossa vida no momento em que iniciamos um estudo sério de seu conteúdo.

Será que não há algo no fundo de nosso coração que anseia por se achegar a Deus, por ser mais semelhante a Ele no cotidiano, por sentir constantemente Sua presença conosco? Se assim for, o Livro de Mórmon nos ajudará nisso mais do que qualquer outro livro.

O Livro de Mórmon não apenas nos ensina a verdade embora de fato o faça. O Livro de Mórmon não só presta testemunho de Cristo embora também de fato o faça. Mas há algo mais. Existe um poder no livro que começa a fluir para nossa vida no momento em que iniciamos um estudo sério de seu conteúdo. Acharemos mais forças para resistir à tentação. Estaremos mais



aptos a evitar ciladas. Encontraremos forças para permanecer no caminho estreito e apertado. As escrituras são chamadas de “palavras de vida” (D&C 84:85), e em nenhum outro lugar isso é mais verdadeiro do que no Livro de Mórmon. Ao começarem a ter fome e sede dessas palavras, acharão vida cada vez mais em abundância. (...)

Tais promessas — mais amor e harmonia no lar, mais respeito entre pais e filhos, mais espiritualidade e retidão — não são promessas vãs, mas exatamente o que quis dizer o profeta

Joseph Smith quando afirmou que o Livro de Mórmon nos aproximaria mais de Deus. (...)

Há mais de dez anos, fiz a seguinte promessa em relação ao Livro de Mórmon:

Haveria consequências eternas atreladas a nosso modo de tratar esse livro? Sim, seja para nos abençoar, seja para nos condenar.

Todos os santos dos últimos dias devem fazer do estudo desse livro um objetivo de vida. Do contrário, estarão pondo a alma em risco e negligenciando o que poderia trazer união espiritual e intelectual para sua vida como um todo. Há uma grande diferença entre o converso edificado na rocha de Cristo por meio do Livro de Mórmon e que se agarra a essa barra de ferro e aquele que não o faz.

(...) Não permaneçamos sob condenação (...) por tratarmos com leviandade essa dádiva grandiosa e magnífica que o Senhor nos concedeu. Em vez disso, conquistemos as promessas feitas aos que entesouraram suas palavras no coração. ■

Extraído de “O Livro de Mórmon — Pedra angular de nossa religião”, A Liahona, janeiro de 1987, p. 3.



**HEADED WEST [RUMO AO OESTE],
DE DAVID MEIKLE**

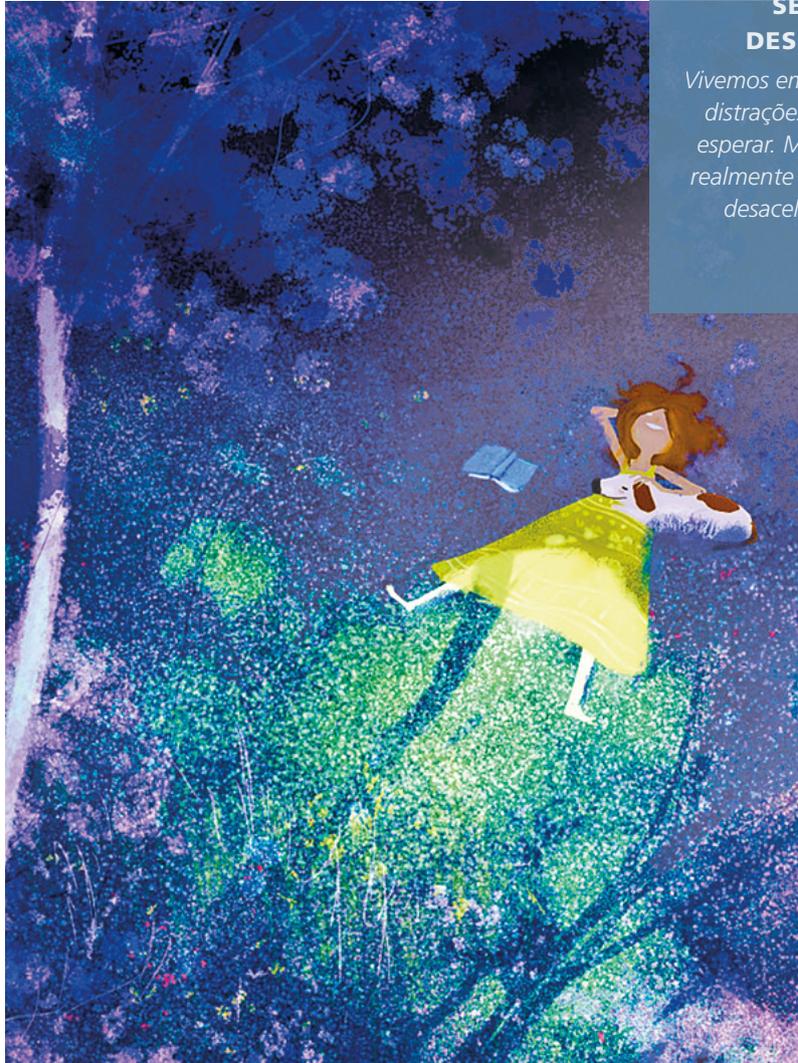
De 1856 a 1860, dez companhias de carrinhos de mão formadas por mais de 3 mil emigrantes santos dos últimos dias da Inglaterra, do País de Gales, da Escócia e da Escandinávia caminharam mais de 2 mil quilômetros para se unirem aos santos em São. Esses pioneiros carregaram tudo o que possuíam através das planícies norte-americanas em carrinhos de madeira de 1 x 1,5 m.

JOVENS ADULTOS

**SENTINDO-SE
DESCONECTADO?**

Vivemos em uma época de muitas distrações, sem paciência para esperar. Mas, para nos conectar realmente com Deus, precisamos desacelerar e nos aquietar.

48



JOVENS

**ESTÁ TENDO
PROBLEMAS COM
UMA PERGUNTA
DIFÍCIL? AQUI
ESTÁ A AJUDA.**

50

REUNIÃO SACRAMENTAL

**SETE DICAS
PARA FAZER UM
DISCURSO**

56

CRIANÇAS

**ENTRE PARA
NOSSO CLUBE DE
LEITURA DO LIVRO
DE MÓRMON!**

73

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS



4 0214798059 5

PORTUGUESE